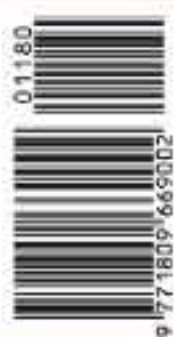
MINAS GERAIS O GOVERNADOR ROMEU ZEMA USA A MÁQUINA PÚBLICA PARA AGREDIR ALEXANDRE KALIL, PREFEITO DE BELO HORIZONTE E PROVÁVEL ADVERSÁRIO NA CORRIDA ELEITORAL

INFLAÇÃO O FENÔMENO É MUNDIAL, MAS AS INTERVENÇÕES DE GUEDES E DO BANCO CENTRAL PIORAM AS PERSPECTIVAS DA ECONOMIA BRASILEIRA E IMPÕEM SACRIFÍCIOS DESNECESSÁRIOS

CartaCapital

cartacapital.com.br

basset editora

ANO XXVII Nº 1180 R$ 19,90
27 DE OUTUBRO DE 2021

No depoimento à CPI da Pandemia, Márcio Nascimento, taxista, chora a perda do filho e da irmã para a Covid-19

DOR SEM JUSTIÇA

A CPI DA PANDEMIA APONTA OS CRIMES DE BOLSONARO, MAS ARTHUR LIRA E AUGUSTO ARAS AÍ ESTÃO PARA MANTER O CRIMINOSO NO PLANALTO...

BAIXE
O APP
E SAIBA
MAIS

CartaCapital

27 DE OUTUBRO DE 2021 • ANO XXVII • Nº 1180

A preço de ouro. Pág. 42

Capa: Pilar Velloso. Foto: Edilson Rodrigues/ Agência Senado

WAGNER MÉIER/GETTY IMAGES/AFP E SILVIA MACHADO

CartaCapital

DIRETOR DE REDAÇÃO: Mino Carta
REDATOR-CHEFE: Sergio Lirio
EDITOR-EXECUTIVO: Rodrigo Martins
CONSULTOR EDITORIAL: Luiz Gonzaga Belluzzo
EDITORES: Ana Paula Sousa, Carlos Drummond, Mauricio Dias e William Salasar
REPÓRTER ESPECIAL: André Barrocal
REPÓRTERES: Ana Flávia Gussen, Cleide Sanchez Rodriguez, Fabíola Mendonça (Recife) e Maurício Thuswohl (Rio de Janeiro)
SECRETÁRIA DE REDAÇÃO: Mara Lúcia da Silva
DIRETORA DE ARTE: Pilar Velloso
CHEFES DE ARTE: Mariana Ochs (Projeto Original) e Regina Assis
DESIGN DIGITAL: Murillo Ferreira Pinto Novich
FOTOGRAFIA: Renato Luiz Ferreira (Produtor Editorial)
REVISOR: Hassan Ayoub
COLABORADORES: Afonsinho, Alberto Villas, Aldo Fornazieri, Antonio Delfim Netto, Boaventura de Sousa Santos, Cássio Starling Carlos, Celso Amorim, Ciro Gomes, Claudio Bernabucci (Roma), Djamila Ribeiro, Drauzio Varella, Emmanuele Baldini, Esther Solano, Flávio Dino, Gabriel Galípolo, Guilherme Boulos, Hélio de Almeida, Jaques Wagner, José Sócrates, Leneide Duarte-Plon, Lídice da Mata, Lucas Neves, Luiz Roberto Mendes Gonçalves (Tradução), Manuela d'Ávila, Marcelo Freixo, Marcos Coimbra, Maria Flor, Marília Arraes, Murilo Matias, Ornilo Costa Jr., Paulo Nogueira Batista Jr., Pedro Serrano, René Ruschel, Riad Younes, Rita von Hunty, Rogério Tuma, Sérgio Martins, Sidarta Ribeiro, Vilma Reis, Walfrido Warde
ILUSTRADORES: Eduardo Baptistão, Severo e Venes Caitano
SECRETÁRIA: Ingrid Sabino

CARTA ON-LINE
EDITORA-EXECUTIVA: Thais Reis Oliveira
EDITORES: Alisson Matos e Brenno Tardelli
EDITOR-ASSISTENTE: Leonardo Miazzo
REPÓRTERES: Ana Luiza Rodrigues Basilio (CartaEducação), Getulio Xavier, Marina Verenicz e Victor Ohana
VÍDEO: Carlos Melo (Produtor)
VÍDEOMAKER: Natalia de Moraes
ESTAGIÁRIOS: Caio César, Camila da Silva e Natane Pedroso
REDES SOCIAIS: João Paulo Carvalho
SITE: www.cartacapital.com.br

basset editora

EDITORA BASSET LTDA. Rua da Consolação 881, 10º andar. CEP 01301-000, São Paulo, SP. Telefone PABX (11) 3474-0150

PUBLISHER: Manuela Carta
DIRETOR DE OPERAÇÕES: Demetrios Santos
EXECUTIVA DE NEGÓCIOS: Keisy Andrade
GERENTE DE TECNOLOGIA: Anderson Sene
ANALISTA DE CIRCULAÇÃO: Ismaile Alves
AGENTE DE BACK OFFICE: Verônica Melo
CONSULTOR DE LOGÍSTICA: Lindberg Lima
EQUIPE ADMINISTRATIVA E FINANCEIRA: Fabiana Lopes Santos, Fábio André da Silva Ortega, Raquel Guimarães e Rita de Cássia Silva Paiva

REPRESENTANTES REGIONAIS DE PUBLICIDADE:
RIO DE JANEIRO: Enio Santiago, (21) 2556-8898/2245-8660, enio@gestaodenegocios.com.br
BA/AL/PE/SE: Canal C Comunicação, (71) 3025-2670 – Carlos Chetto, (71) 9617-6800/ Luiz Freire, (71) 9617-6815, canalc@canalc.com.br
CE/PI/MA/RN: AG Holanda Comunicação, (85) 3224-2267, agholanda@Agholanda.com.br
MG: Marco Aurélio Maia, (31) 99983-2987, marcoaureliomaia@gmail.com
OUTROS ESTADOS: comercial@cartacapital.com.br

ASSESSORIA CONTÁBIL, FISCAL E TRABALHISTA: Firbraz Serviços Contábeis Ltda. Av. Pedroso de Moraes, 2219 – Pinheiros – SP/SP – CEP 05419-001. www.firbraz.com.br, Telefone (11) 3463-6555

IMPRESSÃO: Plural Indústria Gráfica - São Paulo - SP
DISTRIBUIÇÃO: S. Paulo Distribuição e Logística Ltda. (SPDL)
ASSINANTES: Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos

MISTO
Papel produzido a partir de fontes responsáveis
FSC® C113090

CENTRAL DE ATENDIMENTO

Fale Conosco: **http://Atendimento.CartaCapital.com.br**
De segunda a sexta, das 9 às 18 horas – exceto feriados

Edições anteriores: **avulsas@cartacapital.com.br**

CARTAS CAPITAIS

DESBOLSONARIZAR O BRASIL

Difícil. O que vivemos hoje é resultado de alguns fatores históricos, como propaganda anticomunista americana durante toda a Guerra Fria, nossa formação cristã e a ascensão silenciosa, mas poderosa, das igrejas neopentecostais. Temos um país ignorante, que não conhece sua própria história, não sabe lidar com sua sexualidade e possibilidade de livre-arbítrio, devido à opressão psicológica da religião e vai buscar na urna a proteção contra isso.
Ana Carolina

Desbolsonarizar é difícil, pois Bolsonaro não é a causa, mas consequência. Ele apenas personifica o caráter de boa parte da população brasileira.
Francisco Vaz

BEATO SALU, VÍTIMA DA HIPOCRISIA

Além de tudo, Guedes é um fanfarrão. Diz que leu Keynes pelo menos umas três vezes no original, mas parece que não entendeu nada. Para ele, assim como para qualquer serviçal de Bolsonaro, basta-lhe ser fiel, espertalhão, não ter pudor algum para ganhar dinheiro. As aplicações em *offshore* são um bálsamo para Guedes diante de tantas críticas e cobranças da sociedade, da imprensa (meio tardiamente, com exceção desta fonte), menos dos senhores enriquecidos da Avenida Faria Lima, no coração financeiro paulistano.
Paulo Sérgio Cordeiro Santos, Curitiba, PR

Paulo Guedes, a prisão vos espera. É questão de tempo.
Constantino Candido

Ótimo artigo. Vale a pena ler e refletir.
Francisco Salomão Cunha

CACHORRO MORTO?

O que preocupa é a possibilidade de ele não "jogar limpo" nas próximas eleições. Este cidadão vem desenhando há muito tempo a possibilidade de um golpe, alegando fraude, mesmo que inexistente. Há que se ter muito cuidado com isso.
Elicesar Ferreira

É preciso ser cauteloso, ainda tem muito fascista que pode reeleger Bolsonaro, não podemos subestimar.
Tiago Euzebio

RENTABILIDADE DOS BANCOS VOLTA AO NÍVEL PRÉ-PANDEMIA

Toda vez que os bancos têm lucros recordes, a sociedade padece.
Alan Santana

Nossa, que alívio! Os bancos lucrando, então está tudo bem. Que o digam os brasileiros brigando por comida no caminhão de lixo.
Luiz Forster

E o povo na fila do osso com medo do comunismo.
Nelson Itzack

CNMP DECIDE DEMITIR PROCURADOR QUE BANCOU OUTDOOR PRÓ-LAVA JATO

E do PowerPoint? Vai acontecer o quê com ele? Vai se candidatar ao Senado?
Vanilda Porto

Só esse? E os outros procuradores e juízes que participaram dessa farsa da Lava Jato, que provocaram esse gigantesco prejuízo ao País?
Ricardo Silveira

CARTAS PARA ESTA SEÇÃO

E-mail: cartas@cartacapital.com.br, ou para a Rua da Consolação, 881, 10º andar, 01301-000, São Paulo, SP.
•Por motivo de espaço, as cartas são selecionadas e podem sofrer cortes. Outras comunicações para a redação devem ser remetidas pelo e-mail **redacao@cartacapital.com.br**

A Semana

Para inglês ver

Com um histórico de leniência em relação aos malfeitos de promotores e procuradores, o Conselho Nacional do Ministério Púbico surpreendeu, na segunda-feira 18, ao determinar a demissão de Diogo Castor de Mattos, ex-integrante da força-tarefa da Lava Jato que pagou pela instalação de um *outdoor* para enaltecer o trabalho de sua própria equipe. "Bem-vindo à República de Curitiba. Terra da Operação Lava Jato, a investigação que mudou o país. Aqui a lei se cumpre", dizia o painel instalado em Curitiba em 2019. É realmente assombroso que procuradores se desviem de suas atribuições para fazer política, mas o rigor da punição parece ter relação com outro tema: a proposta em tramitação na Câmara de ampliar o número de conselheiros do CNMP com representantes indicados pelo Legislativo.

Tocantins/ Enrolado até o pescoço

Alvo de operações da PF, o governador Mauro Carlesse é afastado do cargo

Mais um aliado de Jair Bolsonaro entrou para as páginas policiais. Alvo das operações Éris e Hygea, o governador do Tocantins, Mauro Carlesse, foi afastado por seis meses do cargo por tentar obstruir as investigações. A decisão é do ministro Mauro Campbell, do Superior Tribunal de Justiça, mas será submetida ao pleno da Corte. Ele também determinou o cumprimento de mandados de busca em endereços ligados a Carlesse.

"Os inquéritos, que tramitaram sob sigilo na Corte Especial do STJ, indicaram a presença de fortes indícios do pagamento de vantagens indevidas ligadas ao Plano de Saúde dos Servidores do Estado do Tocantins e a estrutura montada para a lavagem de ativos, bem como indicou a integralização dos recursos públicos desviados ao patrimônio dos investigados", informou o tribunal em comunicado à imprensa.

Mais um aliado de Bolsonaro na mira da PF

Além do esquema de propinas do Plansaúde, objeto da operação Hygea, a PF investiga uma organização criminosa dentro da Secretaria de Segurança Pública, que teria obstruído investigações "utilizando-se de instrumentalização normativa, aparelhamento pessoal e poder normativo e disciplinar contra os policiais envolvidos no combate à corrupção". A suspeita é que a secretaria vazou dados de investigações em andamento para os próprios investigados. Este caso é apurado no âmbito da operação Éris.

O aeródromo de Issac Alcolumbre está na rota do tráfico, diz a polícia

Judiciário/ TRABALHO EXTENUANTE

A PF SUOU PARA CONTAR O DINHEIRO APREENDIDO COM PRIMO DE ALCOLUMBRE

Um primo do senador Davi Alcolumbre, do DEM, foi preso na quarta-feira 20 em uma operação da Polícia Federal contra o tráfico internacional de drogas. De acordo com os investigadores, Isaac Alcolumbre é dono de um aeródromo utilizado por narcotraficantes da Venezuela e da Colômbia. O suspeito foi preso em casa com uma grande quantidade de dinheiro em espécie, que demandou algumas horas para a contagem. "É muita coisa", disse o Superintendente da PF no Amapá, Anderson de Andrade Bichara, ao justificar à *Folha de S.Paulo* a demora em apresentar o montante apreendido.

O senador Alcolumbre disse ter tomado conhecimento da prisão do primo pela mídia e enfatizou não ser investigado em qualquer operação de combate ao narcotráfico. Atualmente, ele preside a Comissão de Constituição e Justiça do Senado e tem se recusado a pautar a sabatina do ex-ministro André Mendonça, indicado por Bolsonaro para assumir uma vaga deixada por Marco Aurélio Mello no Supremo Tribunal Federal.

27.10.21

Califa/ **Farra em Dubai**

Zero Três brinca de xeque e secretário do governo torra 13 mil reais em diárias

O deputado Eduardo Bolsonaro, aquele que quase foi nomeado embaixador brasileiro em Washington devido à sua notável experiência na chapa de uma rede de *fast food*, acaba de retornar de uma "missão diplomática" em Dubai. A viagem, esclarece o filho Zero Três do presidente, foi para atrair negócios ao País durante a Expo 2020. Adepto do lema "Deus, pátria e família", o deputado fez questão de levar a esposa Heloísa e a filha Geórgia, além de registrar um passeio familiar em trajes típicos de um xeque árabe, singela recordação que qualquer turista pode obter por módicos mil dólares.

Heloísa assegura que o mimo teve "custo zero" aos cofres públicos, mas o deputado Marcelo Freixo pediu para o Ministério Público Federal investigar quem bancou as despesas do casal. Nas redes sociais, qualificou a foto como um deboche: "brinca de ser *sheik*, enquanto 19 milhões passam fome no Brasil".

Eis a família do príncipe herdeiro do Califado do Bolsonistão

Zero Três não foi, porém, o único a ter despesas questionadas. O secretário de Comunicação Institucional do governo, Felipe Cruz Pedri, foi exonerado ao retornar de Dubai, logo após a revelação de que torrou 13,3 mil reais em diárias durante uma semana. Um dos idealizadores do Aliança pelo Brasil, o natimorto partido de Bolsonaro, ele foi assessor do então ministro da Casa Civil, Walter Braga Neto, e do senador Flávio Bolsonaro. A viagem da delegação com 69 integrantes pode ter custado aos cofres públicos mais de 3,6 milhões de reais.

Balão de ensaio

Mais uma vez, o governo federal adiou o anúncio do Auxílio Brasil, improvisado no afogadilho do calendário eleitoral para substituir o Bolsa Família. Bolsonaro havia demonstrado a disposição de furar o teto de gastos públicos para turbinar o valor do benefício, de 300 para 400 reais. Acabou recuando diante da reação do mercado financeiro e da ameaça de debandada de técnicos do Ministério da Economia, incapazes de enxergar qualquer alternativa que não passe pela austeridade fiscal e o corte de despesas públicas. Com o (quase) anúncio, o Ibovespa, principal indicador da B3, encerrou a terça-feira 20 com queda de 3,28%. O dólar, por sua vez, teve alta de 1,35% e chegou a 5,59 reais.

Povo/ **FOME EM FORTALEZA**

BRASILEIROS DISPUTAM SOBRAS DE ALIMENTOS EM CAMINHÃO DE LIXO

A cena foi registrada por um motorista de aplicativo na porta de um supermercado de Fortaleza. Compartilhado no Tik Tok no domingo 17, o vídeo viralizou nas redes sociais e não tardou a despertar a atenção da mídia. As imagens mostram ao menos oito pessoas, algumas delas idosas, disputando sobras de alimentos em um caminhão de lixo. Ao portal G1, um funcionário do estabelecimento comercial, que pediu para não ser identificado, disse que a cena se tornou rotineira nos últimos meses. "Eles pegam tudo. Hortaliças, mortadela, pão vencido e também as frutas. Uma cena de cortar o coração."

Em 2020, mais de 19 milhões de brasileiros passavam fome no Brasil, segundo dados da Rede Brasileira de Pesquisa em Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional. O número quase dobrou em relação a 2018, quando o País possuía 10,3 milhões de famintos. Bolsonaro parece não se comover. "Falar que passa fome no Brasil é uma grande mentira", disse em 2019. Mais recentemente, irritou-se com perguntas sobre a inflação enquanto sugeria ao povo comprar fuzis. "Quando invadirem a tua casa, tu dá *(sic)* tiro de feijão nele."

A cena tornou-se corriqueira nos últimos meses, lamenta funcionário

REPRODUÇÃO TV, PF, ISAC NÓBREGA/PR E REDES SOCIAIS

A Semana

Jefferson é expulso de Câmara de NY

Primeiro autor da Declaração de Independência dos EUA, Thomas Jefferson acaba de ser expulso da Câmara Municipal de Nova York. A sua estátua permaneceu na sala de reuniões da diretoria por mais de cem anos, mas a presença tornou-se cada vez mais incômoda devido ao passado escravista do homenageado. O terceiro presidente norte-americano teve mais de 600 escravos e, com uma delas, Sally Hemings, seis filhos. "Jefferson representa algumas das partes mais vergonhosas da longa e cheia de matizes história do nosso país", afirmou a vereadora Adrienne Adams, que é negra e integra o comitê que aprovou, por unanimidade, a remoção da obra. O debate sobre monumentos que homenageiam escravocratas surgiu na esteira da morte de George Floyd, homem negro sufocado até a morte por um policial, e do movimento Black Lives Matter.

EUA/ A despedida de Colin Powell

Primeiro secretário de Estado negro, o general defendeu a invasão do Iraque

O general Colin Powell, ex-chefe do Estado-Maior das Forças Armadas e primeiro negro a ser secretário de Estado nos EUA, morreu na segunda-feira 18, em decorrência de complicações da Covid-19. Apesar de ter tomado as duas doses da vacina contra o coronavírus, o militar sofria com o mal de Parkinson e tratava um mieloma múltiplo, um câncer que afeta as células da medula óssea, comprometendo o sistema imunológico do paciente. Aos 84 anos, deixa a esposa, Alma, três filhos e quatro netos.

Powell foi o mais jovem e também o primeiro negro a chefiar o Estado-Maior das Forças Armadas durante o governo de George H. W. Bush (1989-1993), período marcado pela Guerra do Golfo, quando as forças norte-americanas expulsaram as tropas iraquianas do Kuwait. Mais tarde, em 2001 e já aposentado do Exército, serviu como secretário de Estado de George W. Bush, outro posto alcançado de forma inédita por um negro nos EUA.

Sua participação no governo acabou maculada por defender a invasão do Iraque em 2003, com base na informação de que o país possuía armas químicas e biológicas. "Deixar Saddam Hussein na posse de armas de destruição em massa por mais alguns meses ou anos não é uma opção, não em um mundo pós-11 de Setembro", argumentou, em reunião do Conselho de Segurança da ONU. Semanas depois, a invasão se concretizou, mas as tropas americanas jamais encontraram o tal arsenal químico e biológico.

As armas biológicas mencionadas por Powell não existiam

Equador/ SOB ESTADO DE EXCEÇÃO

PARA IMPOR SUAS REFORMAS, LASSO AMEAÇA ATÉ DISSOLVER O PARLAMENTO

Agora, o Legislativo tem 30 dias para analisar projetos do governo

Sob a justificativa de reforçar o combate ao narcotráfico, o presidente do Equador, Guillermo Lasso, decretou o estado de exceção na segunda-feira 18, dando proteção especial para agentes de segurança agirem sem o risco de serem processados. "A lei deve intimidar o delinquente, e não o policial", anunciou Lasso em cadeia nacional de rádio e televisão.

O estado de exceção não visa apenas dar uma carta branca para policiais e militares agirem nas ruas com violência, mas também aumenta a pressão sobre o Parlamento, de maioria opositora, que rejeitou em setembro um pacote de reformas para reativar a economia apresentado pelo Executivo. Com o estado de exceção em vigor, os projetos encaminhados pelo presidente precisam ser analisados em até 30 dias e tornam-se leis se o Legislativo equatoriano não concluir a análise a tempo.

Caso a oposição venha obstruir as reformas, Lasso ameaçou decretar a chamada "morte cruzada", prevista na Constituição de 2008. Neste caso, o Parlamento será dissolvido e serão convocadas novas eleições, inclusive para presidente. Enquanto isso, Lasso poderá governar por decreto.

U.S. MCCORNELL CENTER E BOLIVAR PARRA/PRE

Aquilo que não se deve nomear

▶ O desastre do PT no governo gerou Bolsonaro

A violência praticada por grupos de ódio patrocinados pelo PT não vai me calar. Por mais que tentem me intimidar, não vão me tirar do caminho de lutar pelo Brasil. E, custe o que custar, não vão me impedir de seguir na denúncia do perigo que o Brasil corre com essa falsa polarização entre Lula e Jair Bolsonaro. É claro que essa tentativa de interdição da minha voz não existiria se eu estivesse disposto a me calar sobre a corrupção e a incompetência dos governos petistas. Mas meu dever com o Brasil não permite tal tibieza.

O barulho que o gabinete do ódio petista causou em torno de minhas declarações recentes é uma velha e manjada técnica de intimidação. Para impedir o debate de algum tema, promove-se um ataque implacável a quem tenta levantá-lo publicamente. O objetivo é sempre desviar do assunto indesejado para uma acusação de natureza pessoal e, ao mesmo tempo, intimidar todos os outros que tenham vontade de debater a questão original.

Essa violência toda, da qual o linchamento da presidente da UNE, a competente Bruna Brelaz, há alguns dias, é só mais um exemplo, teve um objetivo oculto ainda mais degradante: desmobilizar a campanha pelo *impeachment* de Bolsonaro.

Vamos rapidamente aos fatos: disse numa entrevista ao *Estadão* que, avaliando hoje, estava convencido de que Lula havia sido um dos principais responsáveis pela queda de Dilma Rousseff. Não é uma opinião exótica, ela é compartilhada pela maioria da classe política e jornalística.

Como resposta, Dilma, cujo mandato defendi com dedicação e altíssimo preço político, me acusou de mentiroso. Depois de respondê-la lembrando de sua incompetência, me acusou de "misoginia".

Por sua vez, Lula me respondeu desrespeitando a todas as famílias que sofreram com a Covid-19, afirmando que "quem tem Covid tem problemas de sequelas, alguns tem problemas no cérebro". Pois é, mas, segundo o petismo, sou eu o destemperado que não quer debater.

Repito: Lula desestabilizou Dilma de muitas formas, algumas públicas. Começou desde antes, quando loteou o governo entre grupos fisiológicos, entregou Furnas a Eduardo Cunha, a Petrobras a quadrilhas, e deixou para Dilma a responsabilidade de desmontar os esquemas criminosos. Fez isso quando transformou seu instituto num antro de intrigas, por onde políticos, jornalistas e banqueiros passavam para se divertir com suas diatribes contra ela. Fez isso quando começou a criticar Dilma publicamente no início do segundo mandato, quando, para fugir da prisão, a fez nomeá-lo ministro e depois quando colocou Michel Temer, o maior interessado em sua queda, como articulador político do governo.

Alguém nega algum desses fatos? E são só os públicos...

Não falo tudo isso para repisar o passado ou alimentar bate-boca. Falo porque precisamos criar um novo futuro para o Brasil e não o faremos sem entender como chegamos à pior crise de nossa história. Quem não entende o passado está condenado a repeti-lo.

Imaginem o que seria uma volta ao passado petista, repetindo o mesmo modelo corrupto de governança para administrar o mesmo modelo econômico falido. Ou Lula fez alguma autocrítica? Não. Indica que vai fazer diferente? Não. O que Lula demonstra todo dia é que não mudou nada, não aprendeu nada e não esqueceu nada. Que mensagem queremos passar aos nossos filhos e netos? A de que o crime compensa? A de que não há outro caminho para governar o Brasil que não a corrupção sistêmica?

Os mesmos personagens que hoje estão soltos graças à demagogia e incompetência de Sergio Moro, o político que fingia ser juiz, não deixaram de ser corruptos porque agora estão soltos. A Petrobras não deixou de ter sido assaltada só porque aqueles que a roubaram estão se reunindo em jantares com Lula em Brasília. O PIB brasileiro não deixou de ter caído 7% em dois anos de PT só porque agora caiu 4% na pandemia com Bolsonaro.

A democracia brasileira dificilmente aguentaria mais um desastre como esse. Foi a crise criada pelo PT que gerou Bolsonaro. A repetição das mesmas práticas não enterraria o bolsonarismo, mas a autodenominada "esquerda" brasileira. Ela prepararia o terreno para um Bolsonaro 2.0, mais perigoso que o atual, que afundaria o País na pior das distopias de desigualdade, miséria, autoritarismo e perda de soberania. Não permitiremos que isso aconteça. Discutiremos tudo o que nos levou à pior década de nossa história, década na qual não crescemos e na qual fomos, por mais de sua metade, governados pelo PT.

Fazer isso não é fortalecer Bolsonaro, ao contrário. Só quando a maior parte do povo brasileiro descobrir que não precisa de Bolsonaro para tentar evitar a volta do PT é que iremos nos livrar definitivamente dele, que é o pior presidente de nossa história. E é esse, e nenhum outro, o mais profundo medo de Lula e do PT. •

redacao@cartacapital.com.br

BAPTISTÃO

OS SERVIÇAIS

O DESTINO DO PAÍS E DO BOLSONARISMO ESTÁ NAS MÃOS DE AUGUSTO ARAS E ARTHUR LIRA. SALVE-SE QUEM PUDER...

por MINO CARTA

A pretensa normalidade da situação brasileira exprime-se também por meio de outra falácia: é do conhecimento até do mundo mineral que a legalidade se manifesta por meio das leis que, no caso do Brasil de Bolsonaro, estão aí para consagrar toda a clamorosa injustiça em vigor. Sabemos da iminência da divulgação das conclusões da CPI da Pandemia, algumas delas já divulgadas precipitadamente. Mas de que vale a decisão da CPI por mais certeira? Mesmo denunciado o presidente da República como criminoso, a decisão relativa ao seu mandato há de passar pela Procuradoria-Geral da República e pela liderança da Câmara.

Contamos nestes postos-chave com Augusto Aras e Arthur Lira, respectivamente, serviçais de Bolsonaro. Eles se incumbirão de tornar letra morta as justas denúncias da CPI. Donde uma pergunta a mais dirigida aos indignados botões: que legalidade é esta disposta tão somente a premiar a vontade dos donos do poder? No fundo, é a mesma legalidade que aceita sem maiores objeções o calendário eleitoral ditado pelos golpistas, depois da derrubada de Dilma Rousseff, da condenação sem provas de Lula, das tramoias de Sergio Moro e Deltan Dallagnol já condenadas pelo próprio Supremo Tribunal Federal, e do governo do usurpador Michel Temer, com o desmonte da CLT e da Justiça do Trabalho, sem contar a tentativa de acabar com o SUS.

Ao cabo, chegam Jair Bolsonaro e o seu bolsonarismo. Trazem a eterna ameaça do golpe – a hipótese não é descartável – e da reeleição do criminoso. Trata-se de um circuito fechado e sem alternativas, graças à perfeita orquestração da manobra que garante o ex-capitão no Planal-

Barrado no restaurante nova-iorquino, o governo na calçada almoça pizza, talvez regada a cloroquina

Perfeitos para estrelar o filme intitulado *A trapaça*

ANDRESSA ANHOLETE/GETTY IMAGES/AFP, REDES SOCIAIS E SERGIO LIMA/AFP

to. Exaltar a ilegalidade, enquanto Aras e Lira são os intérpretes da lei, configura o enésimo crime. Tanto o procurador-geral quanto o presidente da Câmara protagonizariam a contento, e até com brilho, um filme intitulado *A Trapaça*. Para tanto, as fisionomias representam uma contribuição indispensável.

Uma gangue da Chicago dos anos 20 e 30 não conseguiria provocar o descalabro de um país inteiro entregue ao seu destino, com uma particularidade a ressaltar: a polícia, pelo menos parte dela, se esforçava então para manter a legalidade. Por aqui seria pura quimera. Não é de se estranhar que os mais tradicionais donos do poder se unam na aliança pela terceira via, na evidente opção de um país a salvo dos crimes bolsonaristas, mas também de qualquer sinal do chamado esquerdismo, a favor de um povo incapaz até hoje de qualquer gênero de reação aos vexames e humilhações constantemente sofridos.

Recordo um antigo ditado segundo o qual pior de tudo é estar no mato sem cachorro. Arrisco-me a dizer que nunca estivemos embrenhados em uma situação tão difícil de reverter. É como se o País, muito além de perder o rumo, tivesse dado sequência aos seus humores e tendências naturais. De fato, a nossa história nos conduz até aqui de forma absurdamente consequente, a um cenário ainda medieval, onde casa-grande e senzala continuam de pé.

De certa maneira, há brasileiros a merecer Bolsonaro. Outros não se dão conta de coisa alguma, nem mesmo da sua inexorável miséria física e mental. Certo teria sido encerrar o ciclo golpista e, inocentado Lula, convocar eleições para decidir o futuro. É o que se daria em um país democrático e civilizado. É, infelizmente, o que ainda não somos e possivelmente estejamos muito longe de ser e, a julgar pela conjuntura atual, cada vez mais distantes. A normalidade aparente é uma farsa, a legalidade um ardil, enquanto o cenário se apinha cada vez mais de figuras similares a Aras e Lira, ambos representativos da resistência de Bolsonaro e dos crimes cometidos contra o País e seu povo.

Não estamos à deriva, já ficamos encalhados. Se o Brasil não fosse este Brasil, Bolsonaro e sua turma estariam recolhidos ao hospício. •

EIS O PRONTUÁRIO. FALTA O CASTIGO

O RELATÓRIO FINAL DE RENAN CALHEIROS NA CPI DA COVID LISTA CRIMES CONTRA A HUMANIDADE E DE RESPONSABILIDADE DE BOLSONARO. O PAÍS E SEUS MAIS DE 600 MIL MORTOS QUEREM JUSTIÇA. HAVERÁ?

por ANDRÉ BARROCAL

Giovanna Gomes fala dos pais mortos na CPI da Covid

Giovanna Gomes Mendes da Silva completou 20 anos na terça-feira 19. Apesar da idade, é na prática "mãe" de uma menina de 11, Juliana. E também "pai", como tinha contado à CPI da Covid na véspera do aniversário, o que lhe permite considerar filha a irmã bem mais nova. Moradoras de São Luís (MA), Giovanna e Juliana ficaram órfãs em 2020. A mãe delas ganhara um rim novo e submetia-se à hemodiálise, quando o Coronavírus a infectou. Foram dois dias no respirador, oito entubada até a morte. Ao enviuvar, o marido estava no mesmo hospital, igualmente vítima da pandemia. Curou-se do vírus, recebeu alta e, 24 horas depois, precisava de socorro. Tinha um câncer e a doença se generalizou. Tombou duas semanas após a esposa. "Eu, meus pais e a minha irmã, nós éramos muito unidos, muito mesmo. Quem conhece sabe que, onde nós estávamos, a gente estava junto. Então, quando meus pais faleceram, a gente perdeu as pessoas que a gente mais amava. E eu, tipo, vi que eu precisava da minha irmã e ela precisava de mim. Eu me apoiei nela e ela se apoiou em mim", narrou Giovanna na CPI.

A Comissão Parlamentar de Inquérito ouviu naquela sessão mais cinco testemunhos de perda para a pandemia. Katia Shirlene Castilho dos Santos, de João Pessoa (PB), ficara órfã de mãe, tratada com "*Kit* Covid" no convênio Prevent Senior. Mayra Pires Lima é enfermeira em Manaus (AM), e a crise na cidade em janeiro vitimara a irmã. A gaúcha Rosane Maria dos Santos Brandão enviuvara de um servidor da Universidade Federal de Pelotas. Arquivaldo Bites Leão Leite, de Trindade (GO), ficara sequelado da doença: a audição do lado direito se foi.

A história do taxista Márcio Antônio do Nascimento Silva, de 57 anos, é a de um pai que perdeu um filho. Hugo era professor de dança, DJ e trabalhador na informática. Tinha 25 anos. Sentiu falta de ar no fim de março de 2020. Foi a um posto de saúde no Rio, fez exame de Covid e isolou-se até sair o resultado. Deu positivo e ele internou-se no posto. Em 3 de abril, foi entubado em um hospital. "Pai, eu acho que não vou conseguir", escreveu via celular dali umas duas semanas. Foi a última vez que falou com Márcio. Faleceu em 20 de abril de 2020. Era um dos homenageados por cruzes espetadas na Praia de Copacabana dois meses depois, arrancadas por um cidadão que não gostou do memorial e recolocadas por Márcio. "Espero que, quando este relatório chegar nas mãos das pessoas a quem tem de chegar, que elas escutem o que nós falamos, o que todas essas pessoas falaram, porque nós aqui não somos políticos, somos pessoas que vivenciaram e sofreram", disse o taxista na CPI. "Nós merecíamos um pedido de desculpa da maior autoridade do País."

Essa "autoridade" se acha inocente, uma espécie de irmã Dulce, e desdenhou do relatório final de Renan Calheiros. Enquanto o senador do MDB lia trechos do documento na quarta-feira 20, Jair Bolsonaro discursava no Ceará: "Como

Dúvidas súbitas atormentam Aziz. Randolfe Rodrigues não perde a postura

PEDRO FRANÇA/AG.SENADO E JEFFERSON RUDY/AG.SENADO

seria bom se aquela CPI tivesse fazendo algo de produtivo para o nosso Brasil. Tomaram o tempo de nosso ministro da Saúde, de servidores, de pessoas humildes e de empresários. Nada produziram, a não ser o ódio e o rancor entre alguns de nós. Mas nós sabemos que não temos culpa de absolutamente nada. Sabemos que fizemos a coisa certa desde o primeiro momento". Seu filho Flávio, que é senador, descrevia aos jornalistas, na porta da CPI, como imaginava a reação do progenitor ao relatório: "Você conhece aquela gargalhada dele? Hahahaha! Porque não tem o que fazer de diferente disso. É uma piada de muito mau gosto".

A "piada" tem 1.180 páginas, fruto de seis meses de trabalho, um documento com jeito de "histórico". Do início das investigações para cá, 212 mil pessoas morreram de Covid-19 no País, o que elevou o total para 603 mil no dia da leitura do relatório. O Brasil tem 3% da população global, mas 12% dos mortos por Coronavírus, sinal de que algo muito errado se passou por aqui. Segundo Calheiros, 127 mil de todas as nossas baixas eram "evitáveis", número extraído de um estudo de especialistas da USP, da FGV, do Instituto Butantan e da London School of Economics. Sem a CPI, crê o senador, haveria mais cadáveres. A comissão surgiu, registre-se, para contornar a inércia de quem, ao que parece, achava que tudo ia bem no País, como o procurador-geral da República, Augusto Aras, recém-reconduzido ao cargo pelo presidente – e, paradoxalmente, com o voto maciço dos senadores.

A criação da comissão, uma ordem do Supremo Tribunal Federal diante da cara de paisagem do presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, do DEM, de algum modo forçou o governo negacionista a encampar a vacinação. Mas esses negacionistas, Bolsonaro à frente, já haviam aprontado, daí Calheiros ter proposto que 66 pessoas e duas empresas paguem nos tribunais. O relatório só não foi mais duro com o presidente por causa de um racha no grupo que deu as cartas na CPI, motivo de a votação das conclusões ter sido adiada para a terça-feira 26. Um racha que livrou Bolsonaro das acusações de genocídio indígena e de homicídio qualificado.

"COM SEU COMPORTAMENTO, O GOVERNO ASSENTIU NA MORTE DE BRASILEIRAS E BRASILEIROS", ANOTOU CALHEIROS

No geral, Calheiros expôs um enredo fiel ao que se tinha visto desde que a Organização Mundial da Saúde, a OMS, havia declarado a Covid-19 uma pandemia, em março de 2020. Bolsonaro ignorou o perigo, por temer um impacto político-eleitoral em seu governo, em decorrência do baque econômico. Apostou na contaminação da população, em busca da imunidade de rebanho, aquela produção generalizada de anticorpos. A pessoa ficou doente? Cloroquina nela. E que todos levassem uma vida normal: fechar a economia e manter o povo em casa era "comunismo", um atentado à liberdade. Bolsonarista, como se sabe, sente-se no direito de portar-se abjetamente e chama isso de "liberdade". As vacinas foram postergadas: seriam invenção chinesa com fins políticos. Para que essa (palavras de Calheiros) "estratégia macabra" funcionasse, havia colaboracionistas de jaleco branco e endinheirados, o gabinete paralelo, e uma máquina de mentiras na *web* e nas redes sociais, o gabinete do ódio.

"Com esse comportamento, o governo federal, que tinha o dever legal de agir, assentiu na morte de brasileiras e brasileiros", anotou Calheiros ao ler o relatório. "O presidente da República foi o principal responsável pelos erros do governo." A atitude de Bolsonaro, de acordo com o documento, caracterizou sete crimes identificáveis no Código Penal. Se um cidadão fosse condenado por todos eles, pegaria de 12 a 24 anos de cadeia. Constituiu ainda "crime de responsabilidade", previsto na Lei do *Impeachment*, de 1950, a mesma que levou à degola de Dilma Rousseff em 2016. E, também, crime contra a humanidade, conforme definição do tratado criador do Tribunal Penal Internacional (TPI), o Estatuto de Roma, de 1988, internalizado pelo Brasil em 2002.

O primeiro item na lista de ilícitos comuns é "epidemia com resultado de morte", que consiste, pelo artigo 267 do Código Penal, em "causar epidemia, mediante a propagação de germes patogênicos". Bolsonaro jogou a favor do vírus, segundo Calheiros, ao disseminá-lo com aglomerações, boicotes a máscaras e vacinas, sabotagem das quarentenas estaduais e municipais. Tal sabotagem se encaixa no artigo 268, uma "infração de medida sanitária preventiva". Como o ex-capitão incentivou a população a agir igual, houve "incitação ao crime", conduta do artigo 286. A aposta na cloroquina, evidenciada na ordem para o laboratório do Exército fabricar o remédio, foi "charlatanismo", que pelo artigo 283 é "inculcar ou anunciar cura por meio secreto ou infalível". Por ser o placebo inútil na Covid-19 e, portanto, sem autorização da Agência Nacional de Vigilância Sanitária para tratar da doença, sua compra foi "emprego irregular de verba pública", ilícito do artigo 315.

Contra o charlatanismo bolsonarista

Na campanha pró-vírus e pela minimização do perigo, Bolsonaro, ou alguém de seu entorno, adulterou um material que havia sido passado ao presidente por um coronel amigo, Ricardo Silva Marques, cujo filho, Alexandre, é do Tribunal de Contas da União. Em junho de 2021, o ex-capitão transformou por conta própria o material de Alexandre em obra do TCU, conforme depoimento do rapaz à CPI, crime de "falsificação de documento particular" previsto no artigo 298. E quando, em março de 2021, não tomara providências ao saber, pelos irmãos Miranda (um é servidor do Ministério da Saúde, o outro é deputado), das suspeitas de bandalheira no contrato de 1,6 bilhão de reais de compra da vacina indiana Covaxin, Bolsonaro prevaricou. Pelo artigo 319, prevaricar é uma autoridade omitir-se diante do dever (que, neste caso, seria mandar investigar). O contrato foi anulado após as suspeitas virem a público.

Para que alguma acusação judicial a Bolsonaro por esses fatos seja feita, é preciso que Aras tome a iniciativa. O procurador-geral é o único com poder legal para processar o presidente por ilícito comum. Receberá uma cópia do relatório um dia depois da aprovação na CPI. Dá para antever o que fará. Foram arquivadas todas as denúncias que lhe chegaram às mãos contra o ex-capitão, por infração

de medidas sanitárias e crime de pandemia. No caso da "prevaricação", já há um inquérito. Detalhe: Aras ainda sonha em ser indicado ao STF por Bolsonaro. Caso o "xerife" se fingir de morto, a CPI pretende arrancar diretamente da Corte uma ação penal contra o presidente.

E o que o "xerife" fará sobre outros personagens federais indiciados no relatório de Calheiros? Os ministros da Saúde, Marcelo Queiroga, e da Defesa, general da reserva Walter Braga Netto, são acusados de colaborar para o "crime de epidemia". O general da ativa Eduardo Pazuello, ex da Saúde, também está na lista, mas aí não é com Aras.

No caso de crime de responsabilidade, o castigo é o *impeachment* do presidente. Um processo dessa natureza só anda com aval do comandante da Câmara dos Deputados, o bolsonarista Arthur Lira, do PP. Que, recorde-se, dizia desde o início que era contra a CPI e que ela "não vai trazer efeito nenhum", sem perceber que, em bom português, duas negações afirmam. O pepista também receberá uma cópia do relatório final da comissão.

Outra cópia irá ao procurador-geral do Tribunal Penal Internacional, o advogado britânico Karim Khan, para ele examinar se Bolsonaro cometeu crime contra a humanidade. Para Calheiros, cometeu, na carnificina covídica em Manaus, em janeiro, e em experimentos na Prevent Senior, em São Paulo, em 2020. Nos dois episódios, a estrela da marcha fúnebre é a cloroquina, tascada em pacientes, "verdadeiras cobaias humanas", segundo o relator. Tudo feito com o beneplácito de um presidente que ainda propagandeia o placebo, como na abertura da Assembleia-Geral da ONU, em setembro: "Não entendemos por que muitos países, juntamente com grande parte da mídia, se colocaram

"NÃO SÃO SÓ NÚMEROS, SÃO PESSOAS, VIDAS, SONHOS, HISTÓRIAS ENCERRADAS POR NEGLIGÊNCIA", DIZ KATIA, QUE PERDEU A MÃE

contra o tratamento inicial. A história e a ciência saberão responsabilizar a todos". Detalhe: por ter respaldado os experimentos ao pregar a autonomia médica, o chefe do Conselho Federal de Medicina, Mauro Luiz Brito Ribeiro, foi indiciado por Calheiros, por crime de epidemia.

Indígenas foram submetidos ao "*Kit Covid*" também, outra imputação de crime contra a humanidade a Bolsonaro. Calheiros queria incriminá-lo por "genocídio indígena", mas foi obrigado a desistir. Os membros que mandam na CPI racharam nesse tema. A fratura foi personificada pelo presidente da comissão. Omar Aziz, do PSD, não estava convencido de genocídio, que para ele se caracterizaria por algum plano exterminador. Calheiros entendia que tudo o que Bolsonaro diz sobre indígenas desde o início do governo mostra um latente desejo exterminador, para o qual a pandemia mostrou-se uma oportunidade. Na papelada recebida pelo senador, a mortandade de indígenas por Covid-19, cerca de 1,2 mil, foi proporcionalmente superior à média nacional. E mesmo que o número seja encarado como pequeno para que se tenha um genocídio, Calheiros lembrou: o Supremo julgou genocídio o massacre de 16 ianomâmis por garimpeiros em 1993.

O relator havia preparado o terreno para a acusação em entrevista à *Folha* em 9 de outubro. Com base em seu relatório inicial e no Código Penal, Bolsonaro poderia pegar, em tese, de 26 a 53 anos de prisão por genocídio. Calheiros combinara de entregar cópia do documento a colegas em 15 de outubro, uma sexta-feira. Não o fez. Em entrevistas naquela sexta, adiantou que imputaria 11 crimes a Bolsonaro, entre eles o de genocídio. Ao longo do fim de semana, mais notícias sobre o relatório, inclusive com a divulgação de trechos. Um irritado Aziz despontou na Globonews na segunda-feira 18, a atacar Calheiros ("dono da verdade") e a insinuar que o relator, ou pessoas ligadas a ele, havia vazado à mídia

Para os índios, o Kit Covid

Infelizmente não se trata dos mosqueteiros de Luís XIII

um documento desconhecido da comissão. Segundo Aziz, Calheiros pretendeu conquistar a opinião pública para suas teses e, assim, constranger a CPI a aceitá-las. Aziz cancelou a votação do relatório, marcada para a quarta-feira 20: "Não há clima". Negou-se a ler o documento enviado por Calheiros na segunda-feira 18 à noite.

Esta primeira versão do relatório, comenta-se nos bastidores da CPI, foi elaborada por Calheiros com o fígado, um revide por ele ter sido chamado de "bandido" e "vagabundo" por Bolsonaro e sua prole ao longo das investigações. Comenta-se mais: que o alagoano partiu para um *lawfare* contra o presidente da mesma forma que a Operação Lava Jato fez com ele, Calheiros. O abacaxi foi descascado em um jantar na terça-feira 19, na casa do senador Tasso Jereissati, do PSDB. Calheiros topou retirar a imputação. "Bolsonaro comete crime de genocídio, sim", reclamou o líder da oposição na Câmara, deputado Marcelo Freixo, do PSB. Já há no TPI uma denúncia contra Bolsonaro por crime contra a humanidade em relação a indígenas, e o relatório da CPI deverá abastecê-la de alguma forma, conforme a advogada Eloísa Machado, uma das autoras da denúncia.

O convescote na casa de Jereissati aliviou para o clã Bolsonaro em mais duas situações. Calheiros queria acusar o presidente de homicídio qualificado, crime que pelo Código Penal (artigo 121) dá de 12 a 30 anos de cana. Alessandro Vieira, senador-delegado da CPI, argumentou que era tecnicamente um equívoco. Para ele, "50 ou 150 anos, Bolsonaro é criminoso do mesmo jeito". Por fim, as mudanças de última hora no relatório excluíram a imputação de "advocacia administrativa" contra Flávio Bolsonaro. Calheiros queria indiciá-lo em razão do *lobby* do filho do presidente em favor de que o BNDES abrisse as portas a um empresário. Este era Francisco Maximiano, dono da Precisa Medicamentos, a atravessadora do contrato da Covaxin.

No relatório de Calheiros, o caso Covaxin custou várias imputações. O líder do governo na Câmara, Ricardo Barros, do PP, por exemplo, é acusado de improbidade e advocacia administrativas. Promete processar o senador. Flávio escapou da pecha de advocacia (crime pelo artigo 321 do Código Penal, pena de 1 a 12 meses), mas foi listado entre aqueles que ajudaram a incitar crime, ao lado dos irmãos Eduardo e Carlos. "A CPI foi utilizada como instrumento de vingança política", afirmou Flávio. Vingança?

"A dor é grande, mas a vontade de justiça é maior, por isso que eu estou aqui hoje", dizia na antevéspera à CPI a paraibana Katia Shirlene, órfã de mãe em razão do Coronavírus. "Este lugar representa para mim uma vitória, porque eu sei que a justiça vai acontecer, todos vocês vão conseguir fazer a justiça com cada um, porque não são só números, são pessoas, são vidas, são sonhos, são histórias que foram encerradas por negligências, por tantas negligências, e nós queremos justiça. O sangue dessas mais de 600 mil vítimas escorre nas mãos de cada um que subestimou este vírus." •

ACERTO DE CONTAS

NÃO É POSSÍVEL RECONSTRUIR O PAÍS SEM PUNIR OS RESPONSÁVEIS POR ESTE EXTERMÍNIO E CUIDAR DAS 600 MIL FAMÍLIAS DESTRUÍDAS PELO DESCASO

por MARCELO FREIXO*

Acompanhei de perto o trabalho da CPI da Covid no Senado. Mesmo com os compromissos que tenho como líder da Minoria na Câmara e os embates com o governo ao longo deste ano, consegui assistir a todas as etapas e conversar com senadores de oposição ao longo desses quase seis meses de investigação. Senti, com o estômago revirado, o bafo macabro de gente como Nise Yamaguchi e Mayra Pinheiro, a Capitã Cloroquina, defendendo o uso de medicamentos ineficazes. Vi, sem surpresa, a postura arrogante do general Eduardo Pazuello, ex-despachante de Jair Bolsonaro no Ministério da Saúde, ao mentir sobre as responsabilidades do presidente nas mortes por sufocamento em Manaus. Observei cada lance do depoimento do deputado bolsonarista Luís Miranda, ao entregar o esquema do roubo de vacinas e revelar que o presidente sabia de tudo. Revoltei-me, juntamente com os brasileiros que prezam pela vida, ao saber do uso de cobaias humanas em experimentos feitos pela Prevent Senior.

Existem muitas formas de se contar uma história, ainda mais quando tratamos da complexa investigação dos crimes cometidos pelo governo Bolsonaro na pandemia. Mas, dentre todas as narrativas possíveis sobre o extermínio sofrido pelos brasileiros, fico com aquela que nos contam os familiares das mais de 600 mil vítimas. Na segunda-feira 18, a CPI da Covid abriu pela primeira vez seus microfones para os parentes dos que se foram, dando nomes, mostrando os rostos e narrando as histórias escondidas por trás das estatísticas que embruteceram e aviltaram o País desde que a primeira morte por Covid-19 foi oficialmente registrada, em fevereiro de 2020.

AO SABOTAR O COMBATE À PANDEMIA, BOLSONARO FOI DIRETAMENTE RESPONSÁVEL POR QUATRO EM CADA CINCO MORTES NA PANDEMIA

Dentre os relatos pungentes feitos à comissão, cito o do taxista Márcio Antonio Silva, pai de Hugo do Nascimento Silva, vítima da Covid aos 25 anos, no Rio de Janeiro. Márcio ocupou por duas vezes o noticiário nacional, ambas por transformar o luto em coragem para enfrentar a violência dos fanáticos que estão na linha de frente da estupidez bolsonarista. Em junho de 2020, o taxista desceu de sua casa e peitou um grupo de apoiadores do presidente que estavam retirando crucifixos colocados na Praia de Copacabana para protestar contra a postura do governo diante do avanço da doença. Sob os gritos de comunista, cravou as cruzes de volta na areia e disse que sen-

ALESSANDRO DANTAS/PT NO SENADO

"Minha dor não é mimimi", afirma Márcio Antonio Silva, que perdeu o filho para a Covid e enfrentou uma horda bolsonarista na praia de Copacabana

tiu como se aquelas pessoas estivessem chutando o túmulo do filho.

Pouco mais de um ano depois, desta vez dentro do Senado, ele enfrentou novamente a horda bolsonarista, agora contando a história do luto da sua família. "Meu filho não era um número, era uma pessoa. Era um menino maravilhoso, como outros. Minha dor não é mimimi. Dói, entendeu? Não aceito que ninguém trate isso como normal. Não é só a minha. É de todas as pessoas que perderam alguém", disse.

Bolsonaro é diretamente responsável por quatro em cada cinco mortes. Isso significa que 480 mil pessoas perderam a vida por causa da sabotagem praticada pelo presidente contra o combate à pandemia. Esse cálculo não é da oposição, mas do epidemiologista Pedro Hallal, da Universidade Federal de Pelotas, que revelou esses números escabrosos em depoimento à CPI. Só o atraso na compra de vacinas resultou em 95 mil óbitos.

A postura de Bolsonaro também provocou o aprofundamento da crise econômica, o que levou ao aumento da fome e do desemprego, ao atacar todas as medidas de prevenção à Covid-19, prolongando a agonia do País e, assim, atrasando o retorno à normalidade. Todas as nações que seguiram à risca as orientações dos cientistas e das autoridades de saúde superaram com mais rapidez a pandemia e retomaram com mais celeridade suas atividades econômicas. Soma-se a isso o desperdício de energia do governo com pautas que não interessam ao Brasil e tampouco ajudam a solucionar os problemas urgentes que enfrentamos. Em vez de cumprir com suas obrigações, Bolsonaro escolheu se comportar como líder de uma facção de fanáticos: atacou as urnas eletrônicas, participou de atos golpistas, declarou guerra ao Supremo Tribunal Federal, realizou passeata de tanques para tentar intimidar o Congresso, dentre outros crimes contra o Estado de Direito e a democracia.

Nesse sentido, a CPI chega à reta final com a importante contribuição de reunir provas e tipificar esses delitos, bem como por ter ajudado a trazer à luz outros crimes. Graças à comissão, foram desmascarados a tentativa de desviar 1,6 bilhão de reais de dinheiro público através da compra fraudulenta da Covaxin – esquema denunciado na comissão pelo deputado Luís Miranda – e o escândalo da Prevent Senior, que transformou doentes em cobaias de experimentos macabros. A ficha corrida é longa e não faltam provas para caracterizar os crimes do presidente, mas há algo na sua conduta que extrapola o Código Penal: o deboche, a perversidade e o prazer explícito ao zombar da dor de quem perdeu entes queridos.

É aqui que entra a importância do depoimento de Márcio e dos demais familiares de vítimas à CPI. Ao longo da pandemia, Bolsonaro escarneceu o luto das famílias e banalizou as mais de 600 mil mortes. O presidente não faz isso somente porque é uma pessoa cruel. O objetivo desse rebaixamento moral é tentar submeter o País a uma overdose de desumanidade, para entorpecer o sentimento de indignação diante do absurdo. Bolsonaro brutaliza a linguagem para normalizar as consequências da política negacionista do governo. Tudo se resume à repetição de números numa equação que exaure os brasileiros para chocar cada vez menos.

Nesta semana, a CPI transformou esses números em pessoas. Essa é uma ferida profunda e coletiva, que vamos levar muito tempo para conseguir curar, mas o primeiro passo é mostrá-la. O resgate do nosso país pós-pandemia não é só uma questão de retomada econômica e da formulação de um novo projeto de desenvolvimento, é também a reconstrução do pacto que nos une enquanto nação. Não faremos isso sem punir exemplarmente os responsáveis por este extermínio e cuidar das mais de 600 mil famílias destruídas pelo vírus e pelo descaso. •

**Deputado federal pelo PSOL do Rio de Janeiro, líder da Minoria na Câmara e colunista de* CartaCapital.

Tempo fechado

COP-26 Dois Brasis estarão na Cúpula do Clima: o do negacionismo bolsonarista e o da sociedade civil empenhada na defesa ambiental

POR MAURÍCIO THUSWOHL

TAMBÉM NESTA SEÇÃO →

pág. 24

Minas Gerais. Romeu Zema e Alexandre Kalil travam "guerra suja" na disputa pelo governo

Última chance. Se nada for feito, até 2100 a Terra estará 5,7°C mais quente, com consequências desastrosas (e talvez irreversíveis) para a humanidade, alerta o IPCC

Mergulhada há décadas em uma realidade de consumo crescente e insustentável dos recursos do planeta, a humanidade vem tendo com a pandemia de Covid-19 uma mostra de como o nosso agressivo estilo de vida apenas nos torna mais frágeis diante das razões e reações da natureza. Mas, nestes quase dois anos, não foi somente o Coronavírus que ligou o sinal de alerta para os humanos. Incêndios florestais, secas severas, inundações, furacões e outras emergências climáticas atingiram todos os continentes e trouxeram um duro recado: as coisas só tendem a piorar.

Em seu mais recente relatório, publicado há dois meses, o Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas da ONU, conhecido pela sigla em inglês IPCC, indicou que, no atual ritmo, em no máximo duas décadas será atingido o patamar de 1,5°C de aquecimento global, o que para muitos cientistas é considerado o ponto de não retorno. O documento mostra que, se as nações mais poderosas e seus dirigentes continuarem a brincar de faz de conta nas negociações climáticas e mantiverem suas elevadas taxas de emissão de gases de efeito estufa (GEE), poderemos chegar a 2100 com a Terra até 5,7°C mais quente. Um cenário global de catástrofes climáticas difícil de imaginar até para o mais experimentado roteirista de Hollywood.

Neste contexto, os líderes mundiais voltam a se reunir a partir de 31 de outubro em Glasgow, na Escócia, para a 26ª Conferência sobre Mudanças Climáticas da ONU (COP-26). Na pauta, a urgência em destravar o Acordo de Paris, que determina metas nacionais para a redução das emissões de GEE. O encontro gera otimismo moderado nos diplomatas, sobretudo porque os dois maiores emissores mundiais – China e EUA – chegarão à cidade escocesa com promessas e engajamentos renovados. Por sua vez, o Brasil, que de protagonista passou a vilão ambiental sob a batuta de Jair Bolsonaro e do ex-ministro Ricardo Salles, precisará reverter a imagem internacional de mentiroso e incentivador do desmatamento, para ser levado a sério nas negociações. Sobretudo, depois que uma artimanha aritmética em 2019 fez com que o País, ao contrário de todos os demais, revisse para baixo seu compromisso de redução das emissões.

> O governo brasileiro insiste em metas irreais de redução de gases do efeito estufa, com base em relatórios defasados

Para o ambientalista Carlos Bocuhy, presidente do Instituto Brasileiro de Proteção Ambiental (Proam), o Brasil pode se tornar um obstáculo aos objetivos da COP-26. "Especialmente, porque deixou de ter metas mais adequadas ao estado de emergência climática constatado no último relatório do IPCC. Enquanto os países mais progressistas tentam avançar em programas de contenção de GEE, o Brasil apresenta metas irreais, baseadas no segundo Relatório de Emissões de 2005, e não no terceiro relatório, de 2020, muito mais preciso." Assim, prossegue, o cálculo apresentado pelo governo brasileiro está dissociado da realidade. "Foram escamoteados do cálculo de redução cerca de 400 milhões de toneladas de GEE, em uma espécie de pedalada de carbono."

Bocuhy diz que "é público e notório" que o Brasil não está fazendo a lição de casa. "O desmatamento da Amazônia mantém-se em um volume três vezes maior que o previsto no Acordo de Paris e o governo ainda apresenta metas maquiadas e inverídicas. Tende a haver um isolamento do Brasil durante a COP-26, no sentido de que sua má política climática não venha a contaminar negociações mais progressistas", aposta. Ele atribui também ao Itamaraty a perda da identi-

LULA MARQUES/PT NA CÂMARA E IVAN RADIC

dade externa do País na área ambiental. "Essa política externa tocada com resquícios negacionistas tornou o Brasil uma espécie de anomalia no contexto global, que se volta mais e mais para um modelo de sustentabilidade ambiental."

Ex-diplomata que trabalhou por 20 anos no Programa de Meio Ambiente da ONU (Pnuma) e hoje deputado pelo PV em Genebra, na Suíça, Denis Ruysschaert reflete sobre essa mudança de imagem: "Antes de Bolsonaro, tínhamos uma bem fundada esperança com o Brasil, onde se podia trabalhar de maneira descentralizada e com o conjunto da população para enfrentar na raiz os problemas ambientais, que também estão ligados à desigualdade e ao direito de acesso ao solo". O medo venceu, porém, a esperança. "Hoje, temos a impressão na Europa de que o governo brasileiro nos diz coisas contrárias ao que de fato ocorrem. Sabemos que, no Brasil, há grandes empresas do agronegócio que se beneficiam do desmatamento. Os europeus estão inquietos porque veem a Amazônia como um lugar excepcional para o clima, a biodiversidade e a proteção dos povos indígenas."

O governo brasileiro, por intermédio do Ministério do Meio Ambiente e do Itamaraty, afirma que apresentará na COP-26 um conjunto de propostas sobre "transição para a economia verde, regulação do mercado de carbono e fim do desmatamento ilegal até 2030". Segundo os críticos, são metas requentadas e de difícil aferição, sem falar na "falsa malandragem" de utilizar uma base de cálculo abandonada para rever seus compromissos de Contribuições Nacionalmente Determinadas (NDCs) para 37% até 2025 e 43% até 2030: "O Brasil, com sua NDC 'revista' pelo ex-ministro Salles e que, na verdade, permite um incremento das emissões brasileiras, não será levado a sério nesta COP, por mais que Bolsonaro tente declarar alguma coisa ou o vice-presidente general tente declarar outra", diz o ambientalista Rubens Born, que acompanha as negociações ambientais *in loco* desde a Rio-92.

Born, que faz parte da direção do Fórum Brasileiro de ONGs pelo Meio Ambiente e o Desenvolvimento Sustentável (FBOMS), diz que "o mundo hoje é mais transparente", o que tornará difícil qualquer encenação de Bolsonaro em Glasgow: "Com a imagem de satélite o pessoal sabe o que está acontecendo em termos de desmatamento e alertas de queimadas, sabe que a Agência Nacional de Petróleo brasileira continua fazendo leilões para a exploração de combustíveis fósseis no pré-sal e em outras bacias. A gente só vai conseguir reverter essa imagem do País após o governo Bolsonaro, se é que um outro presidente terá a ousadia e a coragem de fazer coisas diferentes. Eu espero que sim".

O governo buscará na COP-26 a recuperação de sua imagem com ações que irão além do discurso, caso da montagem de um grande estande destinado a "mostrar as riquezas da nossa biodiversidade". Trata-se de "maquiagem verde", diz o deputado federal Rodrigo Agostinho, do PSB, presidente da Comissão de Meio Ambiente da Câmara. "Cada vez mais teremos pressão sobre a economia brasileira para que adote medidas de sustentabilidade. Acredito que o Ministério da Economia deve apresentar propostas interessantes sobre a economia da floresta. O Parlamento também deve apresentar algo, mas o que todos querem é um novo comportamento e metas, no mínimo, razoáveis."

Pouco se espera do governo Bolsonaro na COP-26, mas não se pode dizer o mesmo da sociedade civil brasileira, que estará representada por ONGs, movimentos sociais, academia, estudantes e em-

Palavras ao vento. Desde 1997, com o Protocolo de Kyoto, as nações falam em reduzir as emissões de gases do efeito estufa, mas houve aumento de 40%

EVAN COLLIS/DFES/AUSTRALIA E ISTOCKPHOTO

À revelia do governo, cientistas, ONGs, movimentos sociais e empresários estarão na COP-26 para lutar pelo Acordo de Paris

presários, sem falar nas participações de governos locais. Cada setor levará suas contribuições para tentar fazer avançar o Acordo de Paris. "Teremos dois Brasis na COP. Uma versão nociva do governo, *fake* e inconsistente, e de outro lado uma sociedade civil atenta que pleiteia o devido protagonismo", diz Bocuhy. "Essa ruptura decorre da alienação do governo brasileiro em um mundo em que o multilateralismo se torna cada vez mais necessário diante das graves mudanças climáticas."

À revelia do governo, o setor empresarial brasileiro promete marcar presença na Escócia. Coletivos como o Instituto Ethos, que organizou a 3ª Conferência Brasileira de Mudança do Clima, o Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável e a Coalizão Brasil apresentarão documentos durante a COP-26. "Entendemos que é possível influenciar os tomadores de decisão, apontando o direcionamento empresarial perante a agenda ambiental e buscando retornar ao caminho adequado para a descarbonização das atividades brasileiras", diz Caio Magri, presidente do Instituto Ethos. "O objetivo é garantir que sejamos neutros em emissões de GEE até 2030, zerando as emissões brutas até 2050 e mantendo o aumento da temperatura terrestre dentro do limite de 1,5°C, como estabelece o Acordo de Paris."

As empresas, diz Magri, contarão com o espaço Brazil Climate Action Hub para demonstrações dos desafios e soluções ambientais encontrados pela sociedade brasileira. "Esperamos que as demais partes representadas na COP possam perceber as distorções dos discursos oficiais em comparação com o posicionamento subnacional e entender o pluralismo de ideias e de iniciativas em jogo no Brasil", diz. O empresário não espera, porém, ajuda do governo nas negociações: "O ministro Joaquim Leite deve ter uma postura similar àquela de seu antecessor, uma vez que manteve todas as boiadas e políticas de desmonte dos mecanismos de comando, controle e punição de crimes ambientais. Certamente, seguirá condicionando a redução do desmatamento às doações internacionais. Na COP-25, em 2019, eu disse que Ricardo Salles havia sequestrado a Amazônia e estava pedindo resgate. Nada mudou desde então".

Em termos gerais, os especialistas veem a COP-26 com pessimismo: "Estamos na 26ª tentativa de acordo e em 1997 já havia o Protocolo de Kyoto, que dizia claramente que os grandes emissores deveriam reduzir suas emissões de GEE. Mas, desde então, houve um aumento de 40% das emissões em nível mundial. Tivemos muita negociação, mas pouco efeito prático. Mesmo o Acordo de Paris carece de ser posto em prática de forma concreta", diz o suíço Denis Ruysschaert.

Rubens Born também não se diz otimista: "Com a retomada na pós-pandemia, os países deverão retomar práticas não sustentáveis, não amigáveis ao clima. Os setores interessados em recuperar a economia insustentável estarão fortes, quando, na verdade, o que a gente precisa é, exatamente, de uma saída pós-pandemia de baixo carbono para o mundo todo", diz. O experiente ambientalista brasileiro não crê em avanços concretos. "São quase 30 anos desde a assinatura da Convenção-Quadro, em 1992, e poucas coisas concretas foram feitas em termos de redução das emissões. Os dados do IPCC estão aí. Governo após governo, o que a gente está vendo é letargia, negligência e omissão."

Vale-tudo eleitoral

MINAS GERAIS De olho em 2022, Romeu Zema usa a máquina e trava guerra com o prefeito da capital, Alexandre Kalil

POR ANA FLÁVIA GUSSEN

Pragmático, bem avaliado e quase sem oposição na Câmara dos Vereadores, Alexandre Kalil não teve dificuldade para se reeleger prefeito de Belo Horizonte no primeiro turno das eleições de 2020, com mais de 63% dos votos válidos. Sem os traquejos de um político profissional, o ex-dirigente do Atlético Mineiro conquistou a simpatia da população com sua fala sincera e jeito bronco, tornando-se um natural (e fortíssimo) candidato ao Palácio Tiradentes, sede do governo de Minas Gerais. O céu de brigadeiro da primeira gestão contrasta, porém, com as turbulências que enfrenta após as relações entre a prefeitura e o Legislativo implodirem. Alvo de três CPIs e cinco pedidos de *impeachment*, Kalil enfrenta o maior desafio desde que se instalou no edifício em estilo *art déco* que abriga o Executivo municipal.

Por trás da reviravolta está justamente a disputa eleitoral travada com o atual governador, Romeu Zema, do Novo. A crise estaria sendo gestada por um ex-aliado de Kalil, o líder do governo de Minas no Congresso, deputado federal Marcelo Aro, do PP, "dono" de uma bancada de sete vereadores, incluindo a mãe vereadora, Professora Marli. Com a adesão de outros nomes da oposição, três do Novo e três bolsonaristas, o grupo controla metade dos votos na Câmara, dificultando a aprovação de projetos estratégicos da prefeitura. Um caso emblemático foi a rejeição de um empréstimo de 900 milhões de reais para o Programa de Redução de Riscos de Inundações e Melhorias Urbanas na Bacia do Ribeirão Isidoro, na região da Vilarinho. Ano após ano, a região sofre com inundações. "Foi um crime o que fizeram contra a população. O Kalil não morre afogado quando a Vilarinho inunda, mas sim o povo", afirma o prefeito *(entrevista à pág. 26)*.

Um dos pedidos de *impeachment* contaria com 19 apoios, mas antes precisa passar por uma comissão que vai analisar a sua legalidade. Vereadores chegaram a mostrar para a reportagem de *CartaCapital* uma lista de cargos que teriam sido articulados entre Aro e Zema, para garantir oposição irrestrita ao prefeito e aprofundar a crise política. Inviabilizar o Executivo com promessas de cargos foi estratégia usada por Eduardo Cunha no golpe contra Dilma Rousseff, mas isso não parece ser mera coincidência. Aro é afilhado político do ex-presidente da Câmara, que costumava desfilar pelo Salão Verde da Casa Legislativa com um "pixuleco" de Lula vestido de presidiário – depois, Cunha acabou cassado e condenado a 15 anos e 11 meses de reclusão no âmbito da Lava Jato. Foi durante as articulações pela deposição de Dilma que Aro se tornou um dos parlamentares mais atuantes nos bastidores da política nacional. Hoje, ele é um dos principais articuladores das visitas de Zema a ministros de Bolsonaro, como Ciro Nogueira, ministro da Casa Civil, que, por sinal, foi presidente do PP, partido que pode abrigar Zema e o presidente da República para o pleito de 2022.

Líder do governo de Minas no Congresso, o deputado federal Marcelo Aro, do PP, ampliou a bancada de oposição a Kalil em Belo Horizonte

Aro, que também é diretor de relações institucionais da CBF, cargo conquistado na época áurea de Cunha, possui dois pleitos junto a Zema: coordenar a campanha à reeleição e garantir a indicação de seu irmão, atual presidente da Federação Mineira de Futebol, Adriano Aro, ao Tribunal de Justiça de Minas. Em nota, o governo Zema diz que "respeita e reconhece a autonomia dos poderes na competência das respectivas recomendações e reforça que a decisão do chefe do Poder Executivo será pautada por critérios de idoneidade, ética e aptidão dos indicados para o cargo".

Em julho, o deputado articulou o encontro de Zema e do presidente do Tribunal de Justiça de Minas, Gilson Soares, com o presidente da República, Jair Bolsonaro. Além disso, seu primo Cássio Guilherme Coutinho ganhou, no fim do ano passado, o cargo de diretor da Cemig Soluções Inteligentes, uma subsidiária da Cemig. A estatal é alvo de uma CPI na Assembleia Legislativa, por denúncias de aparelhamento pelo governador.

A relação de Kalil com Marcelo Aro azedou depois que o deputado partici-

AGÊNCIA CÂMARA E MARCOS CORRÊA/PR

Sintonia. Romeu Zema e Marcelo Aro estão afinados nos planos de reeleição

pou das negociações para a formação de um bloco de apoio a Zema no Legislativo mineiro, onde seu pai, o deputado Zé Guilherme, também do PP, tornou-se vice-líder do governo. Na briga, a presidente da Câmara, vereadora Nely Aquino, indicada por Kalil, teria "virado a casaca" após ter sido cotada como um nome para compor ou a chapa com Zema ou ser vice do vereador Gabriel Azevedo à prefeitura de Belo Horizonte em 2024. Ela nega e diz que as divergências atuais não possuem qualquer relação com as eleições de 2022. Sobre sua relação com Aro, ela afirma que eles possuem afinidade "porque ambos reconhecemos a importância de construção coletiva da boa política, com projetos e ações em benefício da população".

Gabriel Azevedo, inclusive, é amigo de Aro e do ex-secretário-adjunto de Kalil, Alberto Lage, que deixou a prefeitura "atirando", após denunciar um suposto caixa 2 comandado pelo secretário de governo, Adalclever Lopes, do MDB. Segundo a denúncia de Lage, estaria ocorren-

do um suposto esquema de financiamento irregular de campanha para 2022 por Adalclever junto a empresas de ônibus. Ele também acusou o secretário de pressionar uma agência de comunicação a realizar uma pesquisa eleitoral sem custos. O caso foi parar no Conselho de Ética e acabou arquivado por falta de provas.

Entre os vereadores da oposição, outra reclamação é de que Adalclever teria prometido, mas não entregado, alguns cargos no Executivo, uma grave falha na articulação política. O secretário nega as denúncias e apresenta-se como vítima de uma campanha difamatória: "Não vamos fazer *fake news* nem tentar atacar a honra de ninguém". Adalclever é, ao lado de Fuad Noman, vice-prefeito, o principal articulador de Kalil. Ex-presidente da Assembleia por duas vezes, ele é considerado um dos passaportes para Kalil tornar-se mais conhecido no interior do estado.

"É CLARO QUE TEM RELAÇÃO COM 2022"

Alexandre Kalil comenta a crise política que enfrenta em Belo Horizonte

Alvo de três CPIs e cinco pedidos de *impeachment*, o prefeito de Belo Horizonte atribui a crise que enfrenta às conspirações de seu principal adversário na disputa pelo Palácio Tiradentes, o atual governador e candidato à reeleição Romeu Zema, do Novo. Apesar de apontar a correlação entre as denúncias de que é alvo com 2022, Kalil ainda se esquiva de perguntas sobre as eleições do próximo ano: "Acho desrespeitoso com a população faminta".

CartaCapital: A que o senhor atribui a crise que enfrenta hoje, depois de um primeiro mandato tão tranquilo e bem avaliado?
Alexandre Kalil: É claro que tem relação com 2022. Graças a Deus, a prefeitura vai muito bem, paga seus fornecedores em dia, é bem avaliada. Agora abriram uma quarta CPI, uma vez que a anterior morreu no nascedouro, porque não conseguiram emplacar. Tentaram colocar dois bolsonaristas ferrenhos, parte da oposição também ligada a Bolsonaro e acabaram, agora, cometendo um erro técnico. Apurem, eu boto a cara. Não tenho compromisso com o malfeito. Mas os escândalos que estão aí são parte de uma estrutura midiática. Precisamos lembrar que isso aqui não é joguinho de internet, tem CPF envolvido e gente cometendo crime de calúnia.

CC: Como o senhor avalia a atuação da chamada "Bancada do Aro", aquele grupo de vereadores ligados ao líder de Zema no Congresso?
AK: Olha, o deputado faz o que acha certo. Por outro lado, o prefeito tem a prefeitura limpa e o deputado sabe também como trato a coisa pública. Até porque estamos voltando para um momento em que o povo está sem carne para comer, com botijão de gás a 120 reais. Creio que os nossos deputados federais deveriam estar empenhados em priorizar esse debate.

CC: O presidente Jair Bolsonaro deve subir no palanque de Zema em Minas e

Guerra. A Câmara boicota até obras contra enchentes na capital. O secretário Adalclever é um dos pivôs da crise política

Azevedo, Lage e o diretor de Comunicação da prefeitura, Victor Colares, ganharam os holofotes há uns anos por fazerem parte da juventude tucana em Minas, também conhecida como a "Turma do Chapéu". Uma das especialidades do grupo era atacar opositores nas redes sociais. Ao que tudo indica, o trio – que coordenou a campanha de Kalil – rompeu depois que Victor mostrou a Kalil uma mensagem de texto enviada por Azevedo, na qual ele supostamente "ameaçava" o secretário de governo Adalclever. Este, por sua vez, reagiu com uma queixa-crime contra o vereador.

Com mais de 147 milhões de eleitores, Minas Gerais concentra 10,65% dos votos do País, segundo dados do Tribunal Superior Eleitoral. Para Bolsonaro, a reeleição de Zema é fundamental para que ele também obtenha êxito no estado. Segundo a última rodada da pesquisa DataTempo, divulgada em 4 de outubro, Zema possui 40% das intenções de voto, ante 19% de Kalil. Na tentativa de reverter a desvantagem, Kalil assumiu recentemente a presidência da Federação Mineira de Prefeitos, desativada há um ano e meio, e começou a viajar pelo interior aos fins de semana.

A estratégia do PSD é lançar Kalil ao governo e dar palanque ao presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, que está migrando para o partido e tem planos de se candidatar à Presidência da República. Na chapa ao Senado, Antonio Anastasia é o mais cotado. Caso ele assuma uma vaga no Tribunal de Contas da União, o suplente de senador e presidente do PSD mineiro, Alexandre Silveira, ocuparia a vaga. Enquanto isso, Zema topou aparecer sem máscara ao lado de Bolsonaro e busca enturmar-se a todo custo. A "mineiridade" de Guimarães Rosa passa ao largo da nova política do "pão de queijo".

Procurado pela reportagem, o deputado Marcelo Aro não respondeu aos pedidos de entrevista de *CartaCapital*.

---

tem intensificado os investimentos no estado.

AK: Eu não escolho amigo de ninguém, escolho os meus. Mas o que o governo federal deu ao povo mineiro efetivamente foi a conta da Companhia Brasileira de Trens Urbanos (CBTU), uma empresa falida que será privatizada *(dos 2,8 bilhões de reais anunciados para a expansão do metrô, 1,6 bilhão será destinado ao saneamento da empresa para a privatização)*. Depois, quem vai garantir o compromisso contratual da empresa privada?

CC: As pesquisas mostram que seu nome é desconhecido no interior do estado. Como reverter esse quadro?

AK: Está muito cedo para tratarmos disso. Olha só, hoje estou com a chuva aqui em Belo Horizonte. Inunda tudo, então acho desrespeitoso com a população que está faminta falar em eleição. Quem está preocupado com eleição agora são os politiqueiros. Que eu pegue meu domingo, meu sábado para fazer viagens pelo interior do estado, mas, durante a semana, todos os dias, temos compromisso com o povo que nos elegeu.

CC: A propósito, os vereadores vetaram um projeto que previa 900 milhões de reais para obras de combate às enchentes, sua maior derrota na Câmara.

AK: Foi um crime o que a bancada do Novo e os outros vereadores fizeram contra a população de Belo Horizonte. É um projeto elaborado com a ONU, mas eles foram lá com a motosserra e jogaram no chão. Fizeram algo contra o prefeito que não vive em condição subumana. O Alexandre Kalil não afoga na chuva quando a Vilarinho inunda. A situação de Vilarinho e Venda Nova mata muita gente. Essa foi a prova cabal do nível de consciência de parte desta câmara dos vereadores, e que no final respinga sobre toda população.

"É desrespeitoso com a população faminta falar em eleições", despista

PREFEITURA DE BH, CÂMARA MUNICIPAL DE BH E REDES SOCIAIS

Cópia malfeita

ANÁLISE O sectarismo engessa a democracia dos EUA. E o Brasil quer imitar o império nas piores coisas

POR MARCOS COIMBRA

De símbolo da democracia moderna, os Estados Unidos são hoje o país no qual a deterioração democrática está mais adiantada. Como sociedade e cultura política, chegaram a um ponto que parece sem retorno. Uma não descartada volta de Donald Trump à Presidência da República daqui a três anos seria o fim de tudo (ele lidera as primeiras pesquisas a respeito da eleição de 2024).

Estamos nesse caminho, em um lugar desconhecido. Perto ou ainda distantes? O certo é que, se Jair Bolsonaro fosse vencer a próxima eleição, estaríamos muito, muito perto dos norte-americanos. Mas a distância em relação a esse cenário calamitoso pode não ser grande, caso a vitória de Lula venha com margem estreita. Os próprios EUA mostram o que poderia acontecer, caso o ex-capitão conseguisse se apresentar como derrotado por "manipulações" na contagem de votos.

No fim de 2020, um grupo de pesquisadores nos campos de sociologia, psicologia social, ciência política e antropologia, reunidos sob os auspícios da Associação Americana para o Avanço da Ciência, AAAS (análoga à nossa Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, a SBPC), publicou um estudo que busca compreender e explicar o crescimento do sectarismo na política dos EUA. Segundo o grupo, o país seria hoje uma sociedade dividida de maneira irreconciliável em duas seitas antagônicas. No limite, cada uma vê a outra como: a) constituída por gente essencialmente diferente, que nem sequer pertence à mesma espécie; b) merecedora de aversão e desconfiança; c) cheia de indivíduos mal-intencionados e imorais.

Na cultura política que emerge da confluência desses elementos, uma parte do eleitorado percebe as derrotas de seu "lado" como perdas existenciais, cataclismos pessoais que precisam ser evitados, custe o que custar, mesmo por meio do uso da violência. Não se disputam eleições, travam-se batalhas.

De acordo com os dados, as tendências à sectarização se aceleraram nos últimos anos, impulsionadas por um fenômeno concomitante, a crescente distinção socioeconômica e demográfica no eleitorado norte-americano. As clivagens raciais, religiosas, educacionais e geográficas se aprofundaram. Ser democrata ou republicano passou a significar, objetivamente, ser diferente do outro.

> O ódio e a manipulação grosseira envenenam o ambiente político

Quando essas diferenças objetivas se associam às diferenças subjetivas na ideologia e na política, nascem "superidentidades", que, por sua vez, passam a exigir dos indivíduos níveis mais altos de coerência: se sou republicano e sou diferente de um democrata, preciso me afastar do que "eles" são. Classe, religião e orientação sexual tendem a ser redefinidas para se adequar à identidade política. O processo de sectarização avança, retroalimentado por essa dinâmica. Nas palavras de Patrick Egan, outro pesquisador do tema, "os americanos mudam sua identidade para alinhá-la de acordo com a política".

Por mais diferentes que sejam, cada

ALEX EDELMAN/AFP E ISAC NÓBREGA/PR

Sintonia. Os eleitores de Trump invadiram o Capitólio. Os bolsonaristas sonham em fazer o mesmo no Congresso

lado superestima as diferenças que os separam. Tende a ver os partidários do outro lado como socialmente distintos, imaginando-os como radicais, infensos ao entendimento. Para exemplificar: aqueles que se identificam como republicanos supõem que um terço dos democratas é *gay* (o número é 6%) e os que se sentem democratas calculam que 40% dos republicanos ganham mais de 250 mil dólares ao ano (o número é 2%).

A partidarização endureceu as fronteiras entre os compatriotas. À medida que os grupos políticos se diferenciaram em campos polarizados e antagonistas, os eleitores flutuantes escassearam. Os indivíduos passaram a buscar em sua filiação político-ideológica a fonte de sua identidade coletiva e a ver o outro lado como inimigo. Quem não se identifica com um deles, tende a desistir de participar da vida política. Não se registra e não vota.

A maioria dos estudos norte-americanos sugere que as clivagens programáticas no eleitorado nunca foram significativas e não cresceram. Os eleitores concordam, no fundamental, a respeito de temas econômicos e relativos ao governo, em um "centrismo" pouco elaborado. Gostar ou não gostar do "outro lado" tem baixa relação com a concordância/discordância em matéria de políticas públicas. O que conta é que republicanos e democratas se detestam cada vez mais.

Em razão disso, as circunstâncias das eleições (se ocorrem, até mesmo, em meio a guerras, recessão ou pandemias), as propostas e as campanhas tornam-se desimportantes. Como assinala um estudo da Brookings Institution, os eleito-

res parecem cada vez menos ver os candidatos como um agregado de atributos de personalidade e ideias de governo e mais como porta-estandartes de tribos partidárias. Nas reeleições, em vez de avaliar o desempenho dos governantes, torcem pelo seu time e reafirmam escolhas anteriores. As "viradas" de uma eleição para outra são a cada dia mais raras: quem votou em um "lado" dificilmente passa para o outro.

A literatura identifica três processos como causas imediatas da sectarização. O primeiro e mais antigo é a polarização da elite política, com a tendência de os políticos republicanos se moverem cada vez mais em direção à direita, mesmo sem que o oposto tenha ocorrido no Partido Democrata. Esse movimento começou nos anos 1980, com a eleição de Ronald Reagan, que devolveu aos republicanos, depois da vergonha de Nixon, uma identidade que podiam exibir. Reagan promoveu a reabilitação do conservadorismo e conduziu o país à direita, se contrapondo à liberalização que marcara o fim dos anos 1960 e a década de 1970, que viram a ascensão do feminismo, a luta pela igualdade racial e a afirmação de identidades alternativas.

Nos EUA, democratas e republicanos se detestam cada vez mais

Nos últimos anos, os políticos republicanos continuaram a ter orgulho de ser conservadores, mas passaram a se comunicar de novos modos, usando as técnicas do chamado "disciplinamento de mensagens": dizer poucas coisas, muitas vezes, para as mesmas pessoas. Esse estilo logo se tornou o padrão da relação entre políticos e eleitores dos dois partidos, seja pela imprensa, da comunicação dirigida ou das redes sociais. A consequência é a exacerbação das diferenças de conteúdo entre os partidos, que tendem a parecer maiores do que são, por exemplo, na convivência parlamentar. Políticos das duas legendas costumam concordar mais do que os eleitores imaginam.

O segundo elemento que explica a sectarização são as mudanças na estrutura dos meios de comunicação de massa, intensificadas a partir do governo Reagan, que revogou a legislação que exigia imparcialidade no noticiário e nos comentários na televisão e no rádio. Desde então, a mídia dos EUA tornou-se, em alguns casos, furiosamente partidária, aprofundando o fosso entre os eleitores: quem pensava de um modo encontrava logo os veículos que repetiam o que queria ouvir e acentuavam sua radicalização.

A terceira causa é a principal responsável pela velocidade com que o processo de radicalização adquiriu agora: os mecanismos de direcionamento de conteúdos nas principais plataformas das redes sociais. Sua tecnologia se utiliza de algoritmos baseados em popularidade, capazes de selecionar mensagens que maximizem o engajamento dos usuários. Como mostrou o estudo de um grupo de psicólogos da Universidade de Nova York, são os conteúdos e o emprego de linguagem moral-emocional que aumentam de forma substancial a difusão em (e, em grau menor, entre) grupos ideológicos nas redes sociais. Sem cessar alimentados com uma mistura de fatos, fantasias e mentiras (coloridas com as tintas do medo e da indignação moral), os usuários vivem sua vida *online* em "câmaras de eco", ambientes onde só encontram informações ou opiniões que refletem ou reforçam as suas.

Os norte-americanos chegaram aonde estão em uma trajetória marcada por processos que conhecemos no Brasil. A mesma degradação do ambiente democrático foi promovida por nossas elites, que jogaram lenha na fogueira da animosidade e do ódio, culpando e criminalizando adversários. Nossa mídia se comportou como partido na luta contra a esquerda, atacando-a e procurando desmoralizar suas lideranças e simpatizantes. Como lá, tudo se agravou aqui depois que as redes sociais cresceram como terra sem lei, à disposição de qualquer aventureiro, como vimos na eleição de 2018.

Ainda somos, no entanto, diferentes do EUA. Não estamos, portanto, condenados a repetir a mesma história. Mas o risco existe e não é pequeno. •

Não, não e não. Negar a vacina une a tribo dos republicanos

SCOTT EISEIN/GETTY IMAGES/AFP

TÂNIA RÊGO/ABR

Nas ruas. A comunidade luta por mais direitos e menos violência

Desprezo até na morte

DISCRIMINAÇÃO O Brasil ostenta o triste título de campeão em assassinatos e preconceito contra *trans*

POR FABÍOLA MENDONÇA

Alana Azevedo era uma mulher transexual que morreu aos 30 anos em decorrência de uma depressão. A violência a perseguiu mesmo após a morte. Alana foi sepultada vestida de homem, de terno e gravata, e com um cavanhaque que havia crescido no período no hospital e que a família se recusou a aparar antes do enterro. Não foi a primeira nem deve ser a última a ter sua identidade de gênero desrespeitada em um país que lidera o *ranking* mundial de assassinatos por homofobia e transfobia.

"O caso de Alana representa o que muitos pensam sobre os nossos corpos, nossas vidas. Não foi um caso isolado, essa situação acontece corriqueiramente em todo o País. Desrespeitam nosso nome social, nossa identidade, história, memória. Em vida, a população *trans* tem o seu direito negado e, na morte, a gente vê esse tipo de violação, a negação do direito à dignidade", desabafa Linda Brasil, mulher *trans* e vereadora de Aracaju pelo PSOL, autora de um projeto que obriga a inclusão do nome social nas lápides e nos documentos. "A Alana é produto, o retrato, de uma sociedade negligente com a condição das pessoas *trans*, totalmente abandonadas por esse sistema, pela sociedade, pela família", completa Tathiane Araújo, presidenta da Rede TransBrasil.

Segundo dados da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra), no primeiro semestre deste ano, 80 *trans* foram assassinados, nove se suicidaram

e 33 sofreram tentativas de assassinatos. Violência que persiste. Entre 2010 e 2019, o Brasil registrou 40% dos homicídios mundiais de transexuais, segundo o levantamento do *Trans Murder Monitoring*.

Um dos motivos que potencializam o grande número de assassinatos é o fato de o preconceito perpassar questões transversais que envolvem homofobia, misoginia e discriminação contra a prostituição, pois muitos são profissionais do sexo. No ano passado, informa o Grupo Gay da Bahia (GGB), pela primeira vez travestis e transexuais superaram os homossexuais em número de mortes violentas: dos 237 assassinatos, 165 foram de pessoas *trans*. Não por acaso, a expectativa de vida da comunidade é de apenas 35 anos. O problema, acredita Linda Brasil, foi potencializado no governo Bolsonaro, que, além de não ter políticas públicas voltadas para os direitos humanos nem para a educação, estimula a disseminação de *fake news* sobre a comunidade LGBTQIA+. "Bolsonaro legitima esses comportamentos pelo discurso *LGBTI-fóbico*. Até podemos criar políticas públicas de prevenção contra a violência e conscientização a respeito das diferenças, mas o fim dessa realidade é uma mudança cultural que se dá no longo prazo, com a educação como base", ressalta David Miranda, deputado federal pelo PSOL do Rio de Janeiro. O parlamentar é autor de vários projetos em defesa da comunidade LGBTQIA+, entre eles uma versão da Lei Maria da Penha para a comunidade, que cria medidas protetivas em casos específicos de violência física.

Outra barreira é a falta de oportunidade no mercado de trabalho. Para sobreviver, 90% das pessoas *trans* buscam a prostituição por não conseguirem emprego. Além do preconceito, a baixa escolaridade, resultado da exclusão sofrida ao longo da vida, as afasta do mercado formal. De acordo com o Projeto Além do Arco-Íris, da AfroReggae, apenas 0,02% dos *trans* frequentam a universidade e 72% nem conseguiram concluir o ensino médio.

Discriminada desde a infância, sem acesso à educação, a comunidade é alijada do mercado de trabalho

"Muitas não têm acesso à escola. Tiveram de criar sua própria trajetória, porque são rejeitadas em casa, sofrem *bullying* na escola, a sociedade nega seu nome social, o que as leva a criar estratégias para sobreviver e, para muitas, só resta a prostituição. Têm que estar ali, no escuro, fazendo sexo escondido, recebendo um dinheiro sujo. Não tem problema em ser profissional do sexo, mas não pode ser a única opção para sobreviver. Você pode até ser prostituta para ter uma renda extra, mas para as pessoas *trans* é a opção que resta", destaca Samantha Vallentine, presidenta da Nova Associação de Travestis e Trans de Pernambuco (Natrape).

A maioria das empresas ainda resiste em contratar *trans*. Muitas nem respondem ao envio de currículos para as vagas ou dá retorno sobre o processo de seleção. "O mercado de trabalho não oferece vagas, e, quando oferece, exige formação e conhecimentos distantes da realidade da maioria, sem levar em consideração o histórico de violências e exclusões que elas passaram. Não existe o comprometimento efetivo de empresas e do Poder Público na inserção na formalidade e na vida digna", afirma Eron Neto, presidente da CasAmor Neide Silva, centro de apoio a jovens LGBTQIA+ em situação de vulnerabilidade social, localizado em Sergipe. "Sendo *trans* e pobre é praticamente impossível não ter baixa escolaridade, apesar de existirem decretos municipais e estaduais em praticamente todo o Brasil para obrigar os es-

REDES SOCIAIS E NELSON ALMEIDA/AFP

tabelecimentos de ensino público a aceitar o nome social", completa Indianare Siqueira, da Casa Nem do Rio de Janeiro.

A situação ficou ainda mais difícil com a pandemia da Covid-19. Segundo dados da plataforma #VoteLGBT com a Box1824, uma em cada dez *trans* perdeu renda ou foi demitida por conta da disseminação do Coronavírus. Lume Cardoso faz parte dessa estatística. Desempregada, precisou trancar a faculdade privada de Direito por falta de dinheiro. "Participei de um processo seletivo, de início fui muito bem recebida, tive meu nome social respeitado, minha identidade preservada, porém, fiquei pouco tempo na empresa. Não tive a oportunidade de mostrar meu trabalho. Antes de completar um mês, comecei a enfrentar alguns dissabores, situações constrangedoras. Para mim, enquanto travesti, a pior coisa é quando você sofre uma violência velada, silenciosa, que se traduz em olhares", lamenta. Cardoso diz estar desempregada não por ser "preguiçosa ou menos capaz" ou por não ter formação, mas pelo simples fato de ser *trans*.

Para Ana Karla Cantarelli, especialista em liderança em Recursos Humanos, o mundo corporativo ainda não está preparado nem acostumado a lidar com questões relacionadas à diversidade, embora comece a perceber e se envolver com iniciativas como o TransEmpregos, plataforma que liga potenciais empregadores a trabalhadores *trans*. O primeiro ponto que as companhias precisam considerar, defende, é instituir uma política interna antidiscriminatória e de não assédio. "O grande diferencial é o acolhimento que essas pessoas vão ter, o respeito que vão receber da organização e como será conduzido o que a gente chama de experiência do colaborador na prática dentro da organização."

A plataforma TransEmpregos reúne cerca de 25 mil currículos cadastrados e conta com a parceria de mais de mil empresas, algumas multinacionais. Na mesma linha, a RedeTrans Brasil lançou, no primeiro semestre deste ano, o programa Oportunizar, que, além de buscar inserir a população *trans* no mercado de trabalho, oferece capacitação para as empresas, no sentido de implantar políticas de acolhimento e respeito a esse público. O projeto, na primeira fase, alcança inicialmente, nove capitais brasileiras, além do Distrito Federal. "É um projeto pensado, elaborado e executado por pessoas *trans*, visando construir parcerias com o Estado e empresas privadas, com o objetivo de formar, qualificar e incluir no mercado de trabalho. Orientamos desde a elaboração de currículo até o processo seletivo e documentação necessária, além de capacitarmos as empresas para lidar com transexuais. Não adianta só oferecer a vaga. A pessoa *trans* precisa ser reconhecida pelo seu nome social e ser respeitada na sua identidade", explica Samantha Vallentine, uma das educadoras do projeto.

Descanse em paz?
Alana, que morreu de depressão, foi enterrada de terno e gravata

Inflação e recessão

ANÁLISE A alta dos preços e a elevação dos juros se juntam na agressão à renda do brasileiro, assombrado pelo desemprego

POR GABRIEL GALÍPOLO E LUIZ GONZAGA BELLUZZO

Ao explicar a inflação global, economistas apontam seus dedos para os preços de energia. O aumento no preço do gás natural na Europa, do carvão na China e do barril do petróleo no mercado global são tributados à recuperação da demanda, relativamente ao período mais crítico da pandemia, associado às restrições de oferta pela redução dos investimentos na produção de carvão e petróleo, em decorrência da crise sanitária e políticas de descarbonização.

A grande aposta no mercado envolve as expectativas quanto à persistência dos choques de restrição de oferta nos preços, com potencial contágio para outros setores e restrições à retomada do crescimento para as economias. A inteligência dos agentes de mercado está voltada para tentar prever o que a opinião geral espera que seja a opinião geral sobre as reações das autoridades monetárias, especialmente as detentoras da prerrogativa de administrar a moeda-reserva, meio de pagamento e forma universal da riqueza.

Os desarranjos na oferta diante da recuperação da demanda poderiam renovar a confiança no denominado produto potencial e nas estimativas do hiato do produto. O "hiato do produto" é o indicador da posição cíclica da economia: se há fortes tensões inflacionárias, a economia estaria pressionada a crescer acima do produto potencial, a capacidade de oferta foi exaurida. Se há deflação, cresce abaixo e há capacidade ociosa.

O cenário atual não oferece as relações bem-comportadas desta mecânica clássica. A atividade econômica não retornou aos níveis pré-pandêmicos, mas a oferta tampouco se recuperou das desarticulações nas cadeias produtivas e tem pressionado os preços. A globalização financeira e a deslocalização produtiva promoveram, sim, a maior interdependência entre os mercados, mas levaram à exasperação os desencontros entre as estratégias nacionais e as imposições dos capitais em movimento. Os espaços nacionais que abrigavam estruturas industriais mais integradas sofreram os efeitos da dispersão da capacidade de produção nas ditas cadeias globais de valor.

Relatórios de grandes bancos, que não podem ser nominados por questões legais, destacam o Brasil na dianteira do aperto monetário, tanto em velocidade quanto intensidade, apesar da fraca recuperação, com hiato do produto ainda grande e expectativa de retorno mais lento ao baixo nível de atividade econômica pré-pandemia. Advertem os analistas que os formuladores de política estão cientes dos efeitos deletérios do aperto monetário sobre o crescimento econômico, mas estão presos em um ciclo vicioso na tentativa de conter as expectativas de inflação.

> O Brasil é o país que mais abusa do aperto monetário

Economistas de mercado justificam a elevação nos juros básicos como reação às instabilidades políticas e a deterioração no cenário fiscal, ou de suas frustrações diante do adiamento das reformas. As tropas do risco fiscal seguem ameaçadoras, a despeito da significativa redução do déficit dos 743,1 bilhões de reais em 2020 para os 139,4 bilhões esperados pelo governo em 2021, ou mesmo os 247,1 bilhões estimados originalmente na Lei de Diretrizes Orçamentárias. As tropas do risco monetário-cambial parecem mais agressivas. Como já escrevemos, desde o anúncio do programa de investimento do governo Joe Biden, o mercado financeiro internacional reagiu com elevações das taxas de juros de longo prazo. A chegada da colaboração da política fis-

TAMBÉM NESTA SEÇÃO →

pág. 42
E se não bastasse...
A gasolina passa dos 7 reais

Tá osso. O preço da carne dispara e os mais pobres voltam aos tempos do fogão a lenha

RENATO LUIZ FERREIRA E CÍCERO PEDROSA NETO/AMAZÔNIA REAL

cal na recuperação da economia conformou no mercado a expectativa pela não manutenção de uma política monetária tão frouxa ou expansionista, prevendo altas futuras nos juros.

Os maiores prêmios oferecidos pelo mercado internacional atraem os capitais e promovem a desvalorização da moeda doméstica. A alta dos prêmios oferecidos pelos títulos públicos norte-americanos acarreta por arbitragem movimento proporcional nos ativos menos líquidos e com maior risco, como os títulos públicos brasileiros de longo prazo, que têm seu valor reduzido e juros elevado. O processo de estabilização monetária brasileiro proporcionado pelo Plano Real realizou uma sombra de dolarização na economia brasileira. Fixar a taxa de câmbio visa retirar a pressão inflacionária decorrente da desvalorização da moeda doméstica. A manutenção do real apreciado custou

juros em patamares elevados. A combinação de juros exorbitante e real sobrevalorizado produziu efeitos nefastos na competitividade da produção nacional.

A substituição da âncora cambial pelo programa de metas de inflação emulou a implantação de uma prótese para cumprir função análoga. No Brasil, não apenas os produtos comercializados internacionalmente sofrem alterações no seu preço doméstico em decorrência de flutuações na taxa de câmbio. A correlação do dólar com preços administrados e índices de reajustes em diversos contratos pressiona a inflação e a autoridade monetária a subir juros. Menos em observância ao chamado hiato do produto, mas em busca de elevar o prêmio doméstico na tentativa de mobilizar os capitais em prol de uma valorização ou conter a desvalorização cambial.

Antes de o Brasil se tornar credor líquido em moeda estrangeira, pelo aumento de suas reservas internacionais de aproximadamente 36 bilhões de dólares em 2002 para cerca de 360 bilhões em 2015, mantidas neste patamar até hoje, os movimentos nos fluxos de capitais internacionais assumiam contornos mais dramáticos. As reservas internacionais são ativos em moeda estrangeira e representam uma segurança para o País fazer frente às suas obrigações no exterior e a choques externos, como crises cambiais e oscilações adversas nos fluxos de capital. O cenário de desvalorização do real, com reflexos na inflação e maior inclinação da curva de juros, decorrente da elevação dos juros de longo prazo no Brasil, motivou o Copom a subir a taxa básica de juros (Selic), de curto prazo, apesar do elevado porcentual de desemprego e capacidade ociosa da economia, sufocada pelos efeitos da pandemia e problemas crônicos carregados por muitos anos. Esta dinâmica atribui ao Brasil a classificação de economia que se move primeiro (*early mover*) e altista (*high-yielders*) quando se trata de juros.

Desarranjo global. A falta de matéria-prima emperra setores de ponta e segura a retomada da China

WALKEN KIRSCH/INTEL CORPORATION E BERTHA WONG/AFP

As perspectivas não são animadoras para uma economia com essa dinâmica no mercado internacional. O primeiro aumento de juros pelo Federal Reserve é esperado pelo mercado para dezembro de 2022, em meio à hesitação para não interromper a retomada e o anseio por sinais por retirada dos estímulos à economia, empregados em diferentes intensidades desde a crise de 2008. Hoje, o Fed compra por mês aproximadamente 120 bilhões de dólares em ativos, o que supre a demanda por liquidez dos agentes, mantem os juros baixos e os preços dos títulos altos com *yields* reduzidos.

O Banco Central Europeu também ameaça reduzir o suporte à economia. As compras mensais de ativos do BCE montam 20 bilhões de euros do programa regular e mais 60 bilhões de euros com o programa especial da pandemia, que se encerra em março de 2022. É esperado que o valor de compras regulares possa ser dobrado, compensatoriamente ao término do programa especial da pandemia, mas a ameaça de efeitos mais duradouros do choque de inflação traz dúvidas quanto à reação da autoridade monetária europeia.

No Brasil, a taxa básica de juros determinada pelo Copom, que no começo deste ano era de 2%, está em 6,25% e com expectativa de chegar a 8,25% até o fim de 2021, segundo a pesquisa Focus. Esta elevação não promoveu nos agentes de mercado o sentimento de antecipação das altas previstas na curva, a ponto de reduzir as taxas de juros de longo prazo. Os juros dos títulos públicos brasileiros prefixados com vencimento para 2031 superam os 11% ao ano. Este aumento dos juros de curto prazo, sem redução no prêmio dos títulos de longo prazo, conferiu a alcunha ao Brasil de país com riscos idiossincráticos em relatório de um importante banco norte-americano.

As atualizações da pesquisa Focus registram a deterioração das expectativas para o Brasil, mais inflação e menos crescimento no ano de 2021, enquanto o crescimento do PIB esperado para países como Argentina, Chile e Colômbia são revistas positivamente nos relatórios, e a expectativa de inflação em países como Chile, México e Peru é significativamente inferior. Os dados de crescimento após um ano de pandemia devem ser consumidos com parcimônia. O tamanho do tombo no ano anterior reduz a base de comparação e infla o crescimento no ano seguinte.

As previsões de crescimento do Brasil só superam as projeções de Haiti, Nicaragua, Venezuela e Suriname

A Cepal apresenta expectativas de crescimento para os países da região. A taxa esperada para a economia brasileira é inferior àquela da Argentina, Antígua e Barbuda, Bahamas, Barbados, Belize, Bolívia, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Dominica, El Salvador, Equador, Granada, Guatemala, Guiana, Honduras, Jamaica, México, Panamá, Paraguai, Peru, República Dominicana, São Cristóvão e Névis, São Vicente e Granadina, Santa Lúcia e Uruguai. O desempenho esperado pela economia brasileira supera apenas o do Haiti, Nicarágua, Suriname, Trinidad e Tobago e Venezuela.

A inflação e os juros altos se juntam na agressão da renda do brasileiro, pela ausência de ocupação, mesmo precarizada, e corrosão do poder aquisitivo. O empreendedorismo de aplicativo é inviabilizado pelo custo do combustível superior à receita da corrida. No Brasil de 2021, o celeiro do mundo é apresentado no intervalo comercial do telejornal que noticia a carne vendida com lacre e o alarme de segurança nos supermercados. •

Sem renda e sem crédito

2022 O cenário para o próximo ano deteriora-se, com juros altos e a economia em desaceleração

POR CLEIDE SANCHEZ RODRIGUEZ*

Faltando pouco mais de dois meses para o ano terminar, o desempenho da economia não trará surpresas. A retomada do setor de serviços é firme, graças ao avanço da vacinação, enquanto as vendas de fim de ano seguem promissoras. Os economistas em geral confiam que a parcela da população de renda mais alta e menos afetada pelo custo de vida elevado seguirá consumindo no pós-pandemia, enquanto há ligeira melhora para a população de renda mais baixa, devido ao trabalho temporário típico de fim de ano, do auxílio emergencial e do crédito.

Há, porém, uma preocupação com o próximo ano, particularmente com o primeiro trimestre, quando as taxas de juro continuarão muito altas, não haverá amparo às micro e pequenas empresas, o ritmo da atividade econômica estará bem mais lento e o crédito vai desacelerar com um número recorde de famílias endividadas. "É possível que tenhamos uma ligeira recessão no início do ano que pode ser revertida no decorrer dos meses", acredita Carlos Thadeu de Freitas, economista-chefe da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), e ex-diretor do Banco Central, acrescentando que todo início de ano traz um rosário de contas a pagar: tributos, taxas e material escolar.

Uma pesquisa da Febraban com 16 instituições financeiras, entre 29 de setembro e 5 de outubro, mostra um ligeiro recuo na projeção de crescimento da carteira de crédito de 2022, de 7,8%, em agosto, para 7,4%. "O cenário para o mercado de crédito se mostrará mais desafiador, dian-

Endividamento. O número de famílias com dívidas a vencer alcançou 74% em setembro. A economia continua a patinar

MARCELO CAMARGO/ABR E TONY OLIVEIRA/SISTEMA CNA/SENAR

te do aumento da Selic e das perspectivas mais modestas de crescimento, além da própria base de comparação mais elevada", diz a entidade. Nicola Tingas, economista-chefe da Associação Nacional das Instituições de Crédito, Financiamento e Investimento, a Acrefi, explica que o movimento do crédito acompanha e influencia o desempenho da economia. Ou seja, se a atividade acelera, ele ajuda nesse crescimento e quando fica mais seletivo, há retração. "Num cenário de crédito mais caro e a atividade recuando, as instituições também tendem a ficar mais restritivas na concessão de empréstimos."

Tingas acredita que o início de 2022 será difícil para as pessoas físicas e as micro e pequenas empresas, uma vez que as grandes podem recorrer a outras fontes de recursos, como o mercado de capitais. "Até agora, as linhas do auxílio emergencial ajudaram na estabilidade da inadimplência, assim como o crédito, com as compras parceladas do cartão de crédito, o cheque especial, mas, depois, o consumidor partiu para o consignado", observa. "Contudo, já começamos a sentir uma frequência nos atrasos, o que evidencia maior dificuldade de pagamento das dívidas." A taxa de inadimplência, no entanto, ainda segue estável em 3%, apesar da alta de 2,5 pontos porcentuais na taxa de juros média cobrada pelo sistema financeiro nas operações de crédito em 12 meses, conforme o último relatório de crédito do BC.

A mais recente Pesquisa Mensal de Endividamento e Inadimplência dos Consumidores da CNC mostra que o número de famílias com dívidas a vencer alcançou 74% em setembro, alta de 1,1 ponto porcentual em relação a agosto, e de 6,8 pontos ante setembro de 2020, "o maior incremento anual da série histórica". O endividamento das famílias com até dez salários mínimos de renda mensal é ainda mais expressivo, chegando a 75,3%. Freitas lem-

CRÉDITO LIVRE (VAR. %)
Evolução da Média das Projeções para 2021/2022

Fonte: Pesquisa Febraban de Economia Bancária e Expectativas/Setembro de 2021

Bomba-relógio. As contas do início do ano preocupam as famílias e devem impactar as vendas no comércio varejista

ANP/GOVPR E CRISTIANE CRELIER/AGÊNCIA IBG

bra que os números do BC também apontam um endividamento recorde dos consumidores com o sistema financeiro, com 60% de famílias tendo compromissos financeiros a vencer junto a bancos e financeiras. Somente em recursos livres, o estoque de crédito às famílias chegou a 1,4 bilhão de reais em setembro, aumento de 11% no ano, com o avanço nas concessões. A expansão acontece na maioria das modalidades, com destaque para duas que são associadas ao curto prazo e ao endividamento: o cheque especial e o cartão de crédito, principalmente parcelado e rotativo.

No caso das micro e pequenas empresas, a situação não é diferente. "Em setembro, foram 5,3 milhões de empresas inadimplentes. É um número elevado, só 500 mil a menos que o recorde histórico de 5,8 milhões registrado em março do ano passado, quando começou a pandemia", afirma Luiz Rabi, economista da Serasa. Ele detalha que de junho a agosto houve um recuo por causa do crédito subsidiado do Pronampe, que ainda dá certo fôlego. Mas é insustentável no longo prazo, em particular nos próximos meses. "É bem provável que no fim deste ano, ou início de 2020, os números de inadimplência das empresas voltem a subir, uma vez que, provavelmente, não teremos nova rodada de recursos subsidiados do Pronampe. E se tiver, vai ser pouca coisa", observa.

Na avaliação de Freitas, a calibragem da taxa Selic pelo BC terá papel decisivo na magnitude da desaceleração da economia. Ele espera o fim do aperto monetário para janeiro, com a Selic em 9%. Depois, dependendo do comportamento da inflação, a taxa pode recuar. No entanto, "conviveremos um período com juros reais elevados e a economia desacelerando", acrescenta. O xis da questão é que a inflação, hoje, decorre de choque de oferta, e não de demanda. "Se o aperto for muito forte, haverá recessão", alerta. Para Tingas, da Acrefi, "a alta dos juros pode até ajudar a reter algumas remarcações de preços e segurar as margens, mas não adianta porque a maior parte da alta é custo, então a tendência da inflação é voltar de forma mais lenta".

O presidente do Conselho Federal de Economia, Antonio Corrêa de Lacerda, vai mais fundo: "As pressões inflacionárias têm aumentado, elevando o custo de produção das empresas e reduzindo fortemente a capacidade de consumo da população. A fome, a vulnerabilidade social, a pobreza e a desigualdade vêm crescendo. Esta situação, além de dramática do ponto de vista social, restringe sobremaneira a capacidade de demanda agregada do País, reduzindo o potencial crescimento da economia". Além da pressão nos preços oriunda de alimentos, combustíveis e energia, preocupa o avanço da inércia inflacionária e a continuidade de uma política monetária restritiva, que piora o custo e as condições de crédito aos tomadores finais e, com isso, arrefece a demanda e compromete o ritmo de recuperação da economia, destaca Lacerda.

> A possibilidade de Bolsonaro romper o teto de gastos com um auxílio de 400 reais atiçou os especuladores

De todas as variáveis que afetam a inflação, o dólar é uma das mais preocupantes. "Contamos com uma acomodação dos índices em 2022, mas o câmbio seguirá pressionado pela volatilidade dos preços das *commodities* no mercado internacional, juros e inflação. A crise institucional e o ano eleitoral abrirão espaço para ações defensivas e mesmo especulativas, causando instabilidade nos preços dos ativos", adverte Lacerda, que também é professor da PUC de São Paulo. Em recente relatório, o economista reduziu as projeções de crescimento do PIB para 4,6% em 2021 e de 1,5% para apenas 1%, em 2022.

Freitas, da CNC, defende que o BC lance mão de outros instrumentos para não punir demais a economia, as famílias e as empresas, desde atuações mais fortemente no mercado de câmbio por meio dos leilões, "pois estamos em uma condição favorável com o volume elevado de reservas que pode ser utilizado nessas opera-

ções", e mesmo, possivelmente, rever as metas de inflação – até para o BC não perder credibilidade com um eventual descumprimento. No início da semana, por sinal, além de diversos leilões de *swap* cambial infrutíferos, depois que a cotação bateu em 5,57 reais, o BC recorreu à da moeda no mercado à vista, pela primeira vez desde 15 de março passado. Não conseguiu, porém, segurar a especulação com a moeda atiçada pela preocupação do mercado com a possibilidade de o governo de Jair Bolsonaro, no afã de se reeleger a qualquer custo, rompesse o teto de gastos, principal âncora fiscal do País, com um auxílio turbinado de 300 reais para 400 reais. Juntamente com o dólar, subiram os juros expressos nos contratos futuros de Depósito Interfinanceiro (DI) que balizam as operações de empréstimos dos bancos. Ou seja, mesmo que o BC tente evitar subir a Selic, o mercado faz o trabalho de encarecer o crédito, diante da incerteza com a questão fiscal.

Assim, não é de estranhar o fim do otimismo com o cenário econômico verificado no fim do primeiro semestre deste ano. O último *Boletim Focus* do Banco Central, divulgado na segunda-feira 18, consolidou números mais pessimistas para alguns indicadores: a projeção do IPCA de 2021 subiu de 8,59% para 8,69%, enquanto para 2022 ficou quase estável em 4,18%. Já as projeções do PIB de 2022 caíram de 1,54% para 1,50%, enquanto para este ano permaneceram em 5,01%. Para completar, essas estimativas foram captadas antes de a China divulgar um crescimento de 4,9% no terceiro trimestre do ano em relação ao mesmo período de 2020, frustrando as expectativas de analistas pelo mais baixo desempenho registrado pelo país nos últimos anos. O Brasil, segundo economistas, vai ser impactado pelo menor crescimento chinês, que afetará o desempenho até agora recordista das exportações.

**Colaborou William Salasar.*

PIB

Evolução da média das expectativas de mercado

Fonte: Banco Central/Pesquisa Focus

O bode na sala da Petrobras

OPINIÃO Os estados não são os vilões dos exorbitantes aumentos dos combustíveis

POR ELVINO BOHN GASS*

Ninguém aguenta mais a escalada dos preços dos combustíveis no País. Só neste ano foram oito aumentos do preço da gasolina, com majoração de mais de 50%, em razão da política antinacional e antipopular adotada pela Petrobras desde o golpe de 2016. A estatal abriu mão de controlar diretamente os preços do setor e decidiu fixá-los apenas com base nas cotações internacionais do petróleo e no valor do dólar.

A atuação omissa e irresponsável do governo Bolsonaro agrava o problema. A Câmara dos Deputados entrou na briga, embora não tenha focado no ponto central: a política de geração de lucros a qualquer preço, mesmo que o País exploda, e a baixíssima tributação das multinacionais exportadoras de petróleo.

Em 13 de outubro, por 392 votos a 71, a Câmara aprovou o projeto de lei complementar que determina que a cobrança do ICMS tenha um valor fixo para combustíveis. O projeto obriga os estados e o Distrito Federal a especificar a alíquota para cada produto por unidade de medida adotada, que pode ser litro, quilo ou volume, e não mais sobre o valor da mercadoria. Na prática, a proposta torna o ICMS invariável diante de alterações do preço do combustível ou de mudanças do câmbio, o que deve reduzir a volatilidade do preço.

Bolsonaro tenta colocar a culpa dos aumentos frequentes dos preços dos combustíveis no ICMS, mas isso não tem base na realidade. O ICMS é um porcentual fixo do preço cobrado nas refinarias que há tempos não muda. Reduzi-lo não vai resolver o problema dos aumentos, mas provocará prejuízos à Saúde, à Educação e à Segurança Pública dos estados e municípios, que em grande parte são custeados com a arrecadação desse tributo.

O PT alertou que o problema só será resolvido com a mudança na política de preços da Petrobras. O projeto de maneira nenhuma atende àquilo a que se propõe, é uma espécie de cloroquina para a questão dos combustíveis, apenas desvia a atenção daquilo que é mais importante, a política de favorecimento dos acionistas. É um projeto que transfere para os estados uma culpa que não é deles, e gera uma melhora pequena e temporária. Enquanto defensores prometiam redução de 8% dos preços, graças ao projeto, no mesmo dia a estatal anunciou aumento de 7% da gasolina.

> **O problema está na política de preços da petroleira, que pertence ao povo, mas serve só aos acionistas**

Por que cobrar esse preço altíssimo da população brasileira, mesmo com produção própria extraída a um custo de 30 dólares por barril? Por que seguir o preço internacional de 70 a 80 dólares o barril? Com o fim da paridade internacional, resolvemos o problema. Mas a lógica privatista e de favorecimento a acionistas privados, mais de um terço deles estrangeiros, impede a mudança que beneficiaria o povo.

O Brasil precisa de uma política que valorize o combustível do poço ao posto, a verticalização, sem as privatizações. A política de preços implantada para promover a todo custo "mais mercado" em um setor estratégico para o funcionamento da economia deve ser urgentemente revista em favor de outra, clara e transparente, que reduza a volatilidade e incorpore os custos de produção na definição dos preços no mercado interno, mantendo o papel da Petrobras como agente central em sua regulação. Outro caminho seria taxar a exportação de petróleo com alíquota variável em função do preço internacional, cujos recursos arrecadados poderiam ser usados para a criação de um fundo capaz de reduzir o preço em território nacional. Se a atividade de exportação continuar com o modelo atual, o Brasil perde.

O povo não tem condições de pagar preços vinculados ao mercado internacional, portanto, tem de haver um fundo ou "colchão tributário" com recursos da taxação sobre a exportação de petróleo bruto. Isso garantiria rentabilidade ao refino e preços justos e estáveis para os brasileiros. As petroleiras estrangeiras hoje nadam de braçada, graças ao famigerado golpista Michel Temer, que editou uma MP que isentou o setor de pagar, no longo prazo, 1 trilhão de reais em impostos.

WAGNER MEIER/GETTY IMAGES/AFP

A preço de ouro. Quem tinha surtos de raiva com a gasolina a 2,98 reais o que tem a dizer agora?

A Associação dos Engenheiros da Petrobras, o Clube de Engenharia, a Associação Brasileira de Imprensa e o Conselho Federal de Economia, em recente relatório, apontaram que "o Brasil precisa e pode ter combustíveis com preços mais baixos que os internacionais para impulsionar seu desenvolvimento e ficar com oferta de derivados de petróleo compatível com as rendas dos brasileiros". Isso passa pela mudança do modelo atual.

É uma situação grave. Nenhum país no mundo produtor de petróleo e com refinarias adota tal modelo de política de preços. É um suicídio econômico, tecnológico e social e um acinte. A empresa foi criada em 1953 com o sangue e o suor dos brasileiros e voltada para o desenvolvimento nacional. Foi uma luta difícil contra entreguistas e interesses estrangeiros. Com o neoliberal FHC, foi quebrado o monopólio em 1997 e, em 2000, entregue boa parte do patrimônio nacional aos abutres estrangeiros, quando foi aberto seu capital na Bolsa de Nova York.

Os privatistas precisam entender que a Petrobras tem papel estratégico no desenvolvimento nacional. Os acionistas privados que se contentem com lucros menores. Entre 2010 e 2014, a Petrobras investiu mais de 200 bilhões de dólares, que alavancaram o crescimento do País. Diferentes estudos mostram que para cada 1 bilhão investido pela Petrobras, mais 600 milhões são aplicados em outros ramos de atividade. Por bilhão de reais investido, mais de 25 mil empregos são gerados.

Usou-se a questão da corrupção, problema que afeta empresas públicas e privadas em todo o mundo, para desmantelar a companhia. Tudo numa onda em que se forjaram planos de venda de ativos, números contábeis questionáveis e um clima para o povo acreditar que a privatização era o caminho. Importantes e indispensáveis ativos foram vendidos por preços indecorosos, sem qualquer contestação.

Há sete anos, o barril valia 83 dólares, como hoje, e a gasolina custava 2,98 reais. E a estatal nunca deixou de ter lucros. O Brasil precisa e pode ter combustíveis com preços mais baixos que os internacionais para impulsionar seu desenvolvimento e ficar com oferta de derivados de petróleo compatível com as rendas dos brasileiros. Precisamos também que a empresa prestigie o conteúdo local. Tudo isso só pode ser passado a limpo com uma CPI que abra a caixa-preta da Petrobras e coloque a empresa nos trilhos do desenvolvimento nacional, objetivo para o qual foi criada. ▪

**É deputado federal e líder do PT na Câmara dos Deputados.*

Porteira fechada na China

▶ Pequim silencia sobre a compra de carne bovina

A suspensão das exportações de carne bovina para a China, que fez a média diária cair de 8.906 toneladas, em setembro, para 4.569, nos dez primeiros dias úteis de outubro, pesa nos preços do boi gordo, no momento afetados pela retração das vendas domésticas. A medida foi tomada voluntariamente pelo país no início de setembro, ao se confirmarem dois casos da doença da vaca louca em frigoríficos diferentes. Levantamento do Centro de Pesquisa em Economia Aplicada, da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz mostra que a arroba do boi caiu 7% em setembro e mais 8% até o dia 18, chegando a 267,80 reais. Uma fonte do Ministério da Agricultura afirmou ao jornal britânico *Financial Times* que o País foi transparente com as autoridades sanitárias chinesas, respondendo prontamente a todas as informações solicitadas, mas Pequim emudeceu. "Nós pedimos uma reunião técnica, que não foi feita. Eles afirmam estar analisando as informações enviadas. A decisão não depende de nós, então não podemos definir uma data para a retomada das exportações de carne bovina", disse a fonte.

> **"O BOLSONARO SE ACHA O DONO DA PETROBRAS E AGE COMO TAL"**
>
> ROBERTO CASTELLO BRANCO,
> ex-presidente da estatal

A SEGURANÇA HÍDRICA CUSTA CARO

O Brasil precisa investir 110 bilhões de reais até 2035 para garantir o abastecimento em suas 5.570 cidades, calcula a Agência Nacional das Águas na segunda edição de seu *Atlas*, voltado à segurança hídrica, isto é, à garantia da água em quantidade e qualidade a todos os setores da sociedade. O *Atlas*, lançado recentemente, aponta que 77,3 milhões de brasileiros (36% da população urbana) vivem em 1.975 cidades com abastecimento classificado como de segurança hídrica média, 50,8 milhões (785 cidades) com segurança baixa ou mínima, e 50,2 milhões (2.143) com alta segurança hídrica. Só 7 milhões de 667 cidades têm a classificação máxima.

O jogo da lula

Com uma base de 111 milhões de telespectadores em apenas 27 dias de lançamento, a série *Round 6* (*O Jogo da Lula*, no original) é o maior sucesso da Netflix de todos os tempos, o que deve estimular a produção de conteúdos internacionais. "Ainda vemos a expansão internacional como um dos principais impulsionadores do crescimento dos assinantes, particularmente em mercados emergentes menos penetrados", avalia a gestora e analista de investimentos Guggenheim em nota a seus clientes. *Round 6* poderá reverter a desaceleração de novas assinaturas, decorrente da pandemia, que interrompeu novas produções, e da concorrência de outras plataformas de *streaming*.

Oi?

A aprovação do Conselho Administrativo de Defesa Econômica da venda parcial da UPI InfraCo pela Oi tende a facilitar a sua saída da recuperação judicial em 2022, dizem analistas da Genial Investimentos. "O grande empecilho exibido pelos passivos da empresa com o processo de recuperação judicial auxiliou na queda (*das ações da Oi*) vista no ano de 2021. Porém, com a aprovação da venda da InfraCo pelo Cade, a expectativa é de a Oi destravar valor e encaminhar seu objetivo de saída da RJ em março de 2022", aponta a gestora. A notícia fez a ação ordinária disparar 12%, a 1,12 real.

Kits solares

A franquia de painéis solares Energy Brasil acaba de lançar sua maquininha de cartão visando facilitar e desburocratizar a compra de *kits* solares. "Para democratizar a energia solar e alcançar as classes C e D, era preciso inovar no segmento. O Energy Pay nasceu para atender à demanda de famílias que buscam pela liberdade energética de forma ágil e sem burocracia, além de promover novos negócios em nossas franquias", comenta Túlio Fonseca, sócio-fundador da rede. "Somos a primeira franquia do segmento a ter a maquininha própria", salienta. A meta é crescer 50% e faturar 50 milhões de reais em um ano.

NÚMEROS

17

bilhões de reais é o valor de mercado estimado da nova empresa de energia da Votorantim e o fundo canadense CPPIB

384,5

milhões de reais é o preço do Laboratório Marcelo Magalhães, no Recife, comprado pelo Grupo Fleury

121,8

milhões de yuans (19 milhões de dólares) em juros de bônus emitidos na China pagou a Evergrande

ALBERTO CÉSAR ARAÚJO/AMAZÔNIA REAL, NETFLIX, FERNANDO FRAZÃO/ABR E J.F OGURA/AEN/GOVPR

O preço da coragem

The Observer Há 15 anos o escritor Roberto Saviano, que denunciou a Camorra, vive sob escolta e sem endereço fixo

POR LORENZO TONDO

Numa sexta-feira no outono de 2006, jornais locais e promotores públicos da região de Campania, no sudoeste da Itália, receberam a mesma carta anônima. Digitada em computador e entregue pessoalmente de manhã cedo, ela explicava o plano da máfia napolitana de executar um escritor italiano de 26 anos. Seu nome era Roberto Saviano, e seu livro, *Gomorra*, uma denúncia devastadora da atividade criminosa da Camorra, estava prestes a se tornar um campeão de vendas. A carta não publicada, vista por *The Observer*, menciona uma reunião realizada em um escritório de apostas em Casal di Principe, a cidade natal de Saviano, onde os chefes locais, conhecidos como dos mais violentos da Camorra, decretaram que Saviano devia morrer e seu assassinato ocorreria "quando as águas se acalmarem".

A carta afirmava que Saviano "deve ser punido", que os chefes sabiam onde sua mãe morava, que eles o seguiam há semanas e que dois pistoleiros tinham sido encarregados de assassiná-lo. Ela explicava que "as armas que serão usadas na execução foram colocadas" na casa de um sócio. E concluía com uma ameaça em letras mais escuras e sublinhadas: "Se ele calar a boca, será poupado".

Muita coisa mudou desde aquele dia. *Gomorra*, que vendeu mais de 10 milhões de exemplares no mundo todo, foi traduzido em mais de 50 idiomas e inspirou um filme premiado e uma série de tevê que teve cinco temporadas. O clã Casalesi, outrora o mais poderoso grupo mafioso da Europa, está em decadência e muitos dos bandidos foram presos. Saviano, hoje com 42 anos, não cedeu às ameaças. Nunca ficou quieto. Continuou a denunciar os negócios da Camorra e dirigir o holofote para uma das mais poderosas organizações criminosas do mundo. Mas, apesar de ter sobrevivido a um complô de assassinato, Saviano pagou um alto preço, de qualquer modo. Desde aquele dia do outono de 2006, quando as autoridades italianas informaram ao escritor que sua vida corria perigo, ele vive escondido e sai somente com escolta policial.

Não passou mais que algumas noites num mesmo lugar, e muitas vezes dorme

Sucesso e isolamento. O livro *Gomorra* deu origem a um filme e a uma série de tevê. Saviani mal aproveita os louros

MARCELLO FAUCI/SALONE INTERNAZIONALE DEL LIBRO/TORINO E SKY ATLANTIC

TAMBÉM NESTA SEÇÃO

pág. 50

EUA. A CIA às voltas com agentes duplos em suas fileiras

"Às vezes, até penso que morrer seria melhor do que viver desse jeito"

em quartéis da polícia. Não pode sair sozinho, passear em qualquer lugar ou ir à praia.

Eu o visitei numa segunda-feira recente em um apartamento minúsculo em Roma. Diante do prédio, dois homens me receberam e me levaram para cima, enquanto outro ficou de guarda na porta. A primeira coisa que você percebe são os milhares de livros que forram as paredes. A segunda é a falta de janelas. Ambas, de certa maneira, parecem representar o homem de letras forçado a viver como prisioneiro.

Os olhos de Saviano falam de noites sem dormir e seu rosto é tenso, as consequências de uma vida em estado de constante agitação, desde 2006. "Uma parte de mim está sempre em guerra", diz ele. "Em guerra com o mundo, em guerra com a Camorra, comigo mesmo. Às vezes, até penso que morrer seria melhor do que viver desse jeito. A morte seria mais aceitável que essa pressão constante, o estado de ansiedade e o vazio em que vivo há tanto tempo."

Quinze anos sob escolta policial é um marco, e por esse motivo três veículos blindados e sete policiais nos aguardam lá embaixo. Durante dois dias, *The Observer* acompanhou Saviano em uma viagem de Roma a Nápoles, para os enclaves da Camorra, alguns dos quais fazia anos que ele não visitava. Saviano partiu como um jovem e hoje retorna como o mais famoso autor italiano vivo, um símbolo internacional da luta contra a máfia, odiado pela direita por suas declarações a favor dos refugiados e por alguns de seus

concidadãos que o acusam de ter manchado a imagem de sua terra de origem.

Partimos no primeiro veículo blindado. Saviano e eu vamos no banco de trás, dois policiais na frente. "Quando escrevi *Gomorra*, sabia que escrevia histórias que muitos repórteres conheciam", diz o escritor, que acaba de lançar uma novela gráfica sobre sua vida ilustrada pelo artista de quadrinhos israelense Asaf Hanuka. "Mas eu também sabia que essas histórias nunca haviam recebido uma interpretação antropológica. Sabia que eu tinha nas mãos uma coisa literária, e que seria explosiva. Mas jamais poderia imaginar o que aconteceu em seguida."

Depois da publicação de *Gomorra*, Saviano começou a receber telefonemas misteriosos: o telefone tocava, mas, quando ele atendia, ninguém falava. Então começaram a chegar cartas ameaçadoras. Um dia, sua mãe encontrou na caixa de cartas uma foto de Saviano com uma arma apontada para sua cabeça, com a legenda: "Condenado".

Em setembro de 2006, durante um comício contra a máfia em Casal di Principe, cidade onde se diz que há mais armas que garfos, Saviano desafiou os chefões de cima do palco, pronunciando seus nomes e gritando: "Vocês não pertencem aqui! Saiam!", incitando os presentes a se erguerem contra o clã. Esse evento, segundo denunciantes da máfia, enfureceu os chefes, que fizeram um plano para assassinar o escritor num ataque no dia de Natal de 2008, na estrada entre Roma e Nápoles. "Eu citei nomes, na frente do pessoal deles, que era a mesma coisa que usar o nome de Deus em vão", diz. "Na visão deles, cometi um pecado mortal."

Segundo testemunhas, a Camorra pretendia matar Saviano em uma explosão espetacular. As autoridades levaram as ameaças a sério.

"Em princípio, pensei que ficaria sob proteção durante dois ou três dias, e que logo poderia voltar à minha vida normal."

> "Não sou um herói, nunca me senti um herói"

Ele olha pela janela, enquanto corremos pela chamada "Terra de Fogo", região rural na província de Caserta, onde a Camorra enterrou toneladas de lixo tóxico sob estradas e terras. "Percebi que a situação era mais séria do que eu pensava, quando, durante uma guerra entre clãs rivais da Camorra, a polícia me levou para um local seguro em uma ilha distante. Eles me colocaram numa casa que só tinha acesso por mar. Não havia serviço de celular, e para fazer ligações um agente tinha de me levar de barco."

Sob essa segurança rígida, até ir ao banheiro é complicado. Com uma hora de viagem, Saviano pede aos policiais que parem num posto de combustível para usar a toalete. Dois homens descem de um carro e verificam se o local é seguro. Então fazem um gesto para Saviano entrar, enquanto os outros agentes ficam guardando a porta do lado de fora. "O preço que paguei por isso é maior do que qualquer coisa que eu poderia imaginar", afirma ao voltar ao carro. "Mas o que realmente me incomoda é ver minha família ter de mudar de uma cidade para outra. Sinto-me culpado por isso todos os dias da minha vida."

Saviano tentou levar uma vida normal. A certa altura morou em Nova York, onde o governo dos EUA, para protegê-lo, lhe deu uma nova identidade como David Dannon. Ele percebeu que não funcionava, quando, em um prédio em Manhattan, um homem o cumprimentou: "Ah, o escritor italiano!"

"Mesmo quando estava no estrangeiro, em certos países tinha de viver sob guarda policial", relembra. "Em certo momento, eu era transferido para cidades que nem sabia que existiam. Um dos dias em que me senti mais livre em muitos anos foi em Londres, quando conheci Julian Assange. Fui do aeroporto para o centro da cidade sozinho, sem ninguém a me escoltar, e foi espetacular."

Por volta de meio-dia, chegamos a Castel Volturno, numa paisagem de beleza incomum entre Monte Dragone e a ilha de Ischia. Nesse litoral idílico foram erguidas 24 mil construções ilegais. Milhares foram confiscadas e as ruínas se espalham por 27 quilômetros de praia, como artefatos arqueológicos de um desastre pós-apocalíptico. Muitas dessas casas pertenciam a integrantes da Camorra. Aqui, em 2008, assassinos do clã Casalesi mataram seis imigrantes africanos. Foram escolhidos ao acaso para enviar uma mensagem aos bandos de drogas africanos. O massacre inspirou o episódio *Sangue Africano* na primeira temporada da série de tevê *Gomorra*. Fazia anos que Saviano não ia a Castel Volturno. Os veículos da escol-

MANUEL DORATI/NURPHOTO/AFP E CARLO HERMANN/AFP

Percalços. O lixão no qual a Camorra enterrava dejetos tóxicos. E um dos líderes do clã Casalesi

ta param perto das ruínas de uma aldeia turística abandonada, a curta distância da praia. Decidimos esticar as pernas, caminhar na areia e respirar o ar marinho.

Enquanto Saviano pode contar milhões de apoiadores, ele também é o alvo de milhares de *haters*, a maioria dos quais o acusa de ter ganhado milhões de euros à custa de sujar a imagem de Nápoles. E há também os que afirmam que o escritor não precisa de escolta, que se a Camorra realmente quisesse matá-lo já o teria feito. O ex-ministro do Interior da Itália Matteo Salvini, de extrema-direita, ameaçou retirar a escolta depois que o autor o atacou por suas políticas anti-imigração. "Muita gente esqueceu como esta história começou e por que estou sob escolta hoje", diz Saviano. "Muitos acham que ser escoltado é um privilégio. Como se fosse minha decisão. Alguns até veem a escolta como um sinal de sucesso, mas não sou um herói. Nunca me senti um herói."

Salman Rushdie, que foi obrigado a se esconder depois de receber ameaças de morte por sua novela *Os Versos Satânicos*, quando conheceu Saviano, em 2008, na entrega do Prêmio Nobel na Suécia, disse: "Muitos me culpam por estar vivo, por continuar a ir a festas ou a escrever livros. Eles o culparão por toda a sua vida".

"Para as pessoas, sou um mártir que não morreu", diz Saviano. "Elas me culpam por ainda estar vivo. Talvez eu estivesse melhor se tivessem me matado. Pensei nisso, e muitas vezes ainda penso.

Em maio passado, juízes decidiram que um chefe da Camorra, Francesco Bidognetti, e seu advogado tinham ameaçado a vida de Saviano e a de uma colega jornalista, Rosaria Capacchione. Foi uma decisão notável, a primeira vez que alguém foi responsabilizado pelas provações do escritor. Enquanto nossa viagem chega ao fim, ao pé do Vesúvio, diante do mar, e com a beleza de Nápoles a se desdobrar à nossa frente, Saviano diz: "Eu deveria comemorar essa decisão. O chefe que me condenou a esta vida foi finalmente condenado. Mas não, eu pensei. Eu tinha só 26 anos quando eles me condenaram a uma vida sob guarda armada. Dizem que, antes de você morrer, todas as coisas bonitas que fez na vida passam na sua frente. E naquele momento, depois da sentença judicial, eu revivi tudo o que não pude fazer nos últimos 15 anos".

É hora de me despedir. Antes de voltar ao seu veículo blindado, Saviano acena com a mão e sorri. Um sorriso que parece esconder sua raiva, um sorriso que me lembra a última frase de *Gomorra*: "Malditos filhos da puta, eu continuo vivo". •

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves.

Spy vs. Spy

EUA A CIA tem uma batata quente nas mãos: neutralizar o crescente número de agentes duplos em suas fileiras

POR CLARISSA CARVALHAES, DE NOVA YORK

A Agência Central de Inteligência está em apuros. No início de outubro, a cúpula norte-americana de contra-espionagem enviou um alerta a todas as suas estações e bases espalhadas pelo mundo: a CIA perdeu nos últimos tempos um número crescente e significativo de informantes recrutados para espionar para os Estados Unidos em outros países. O cabograma ultrassecreto e extremamente incomum deixou claro que espiões da agência tinham sido mortos, capturados ou comprometidos por serviços secretos rivais. O acesso da mídia ao conteúdo do informe uma semana após seu envio, aliás, só fez comprovar que a inteligência norte-americana de fato tem um problema e tanto nas mãos.

O texto deixou claro que este não é um problema novo, mas que precisa ser resolvido com urgência. Enviado aos oficiais que comandam informantes, desenvolvem fontes e recrutam os agentes, a mensagem dizia que era preciso se concentrar no escopo do problema – e é exatamente o alvo da mensagem que torna o comunicado ainda mais explosivo.

Os chamados informantes comprometidos, mais conhecidos como agentes duplos, compõem a maior parte dos casos. São espiões que ao longo de anos foram perdidos não porque estavam presos ou foram executados, mas porque se encaixavam na categoria mais complicada: agentes que ainda se comunicam com os Estados Unidos, mas que a CIA não tem certeza se mudaram de lado e, portanto, mais do que peças inúteis, são uma ameaça real para a segurança nacional.

Os Estados Unidos dependem da CIA e de suas fontes humanas para coletar informações e evitar uma guerra ou dar início a um conflito, suavizar relações internacionais ou enrijecer posturas de viés econômico e até decisões políticas frente a outros países. Fato é que se há algo sistematicamente errado e a agência tem perdido sua habilidade de recrutar espiões em todo o mundo, este é bem mais do que um problema de remanejamento de pessoal, trata-se de perder uma vantagem histórica que por muito tempo esteve em suas mãos.

De acordo com Mark Zaid, advogado especialista em segurança nacional, não há dúvida de que a perda de bens, principalmente humanos, é motivo de grande

A agência tem dificuldade para lidar com os desafios do mundo moderno

Ultrapassada? Símbolo da Guerra Fria, a CIA sofre para se adaptar ao mundo moderno

SAUL LOEB/AFP

preocupação. "Também há sempre preocupações com relação a vazamentos e traidores, mas o mais importante é o medo de *hackers* de computador sofisticados. Isso também representa sérios riscos para redes inteiras e de exposição em um nível de magnitude com que os espiões do passado só podiam sonhar."

Uma crítica à CIA, diz Zaid, é se o governo norte-americano abandonou os ativos anteriores e falhou em protegê-los. "Nós os deixamos para trás? Que mensagem isso envia para aqueles que podem estar dispostos a arriscar sua segurança e trair seu próprio país para trabalhar para o nosso? Quando quase todo mundo agora tem algum tipo de computador e acesso à internet, o que eles aprendem com as notícias sobre a segurança que os Estados Unidos fornecerão aos nossos informantes estrangeiros? Vamos recompensá-los? Protegê-los? Ou deixá-los para trás?".

Aliás, se não há dúvidas de que a agência de alguma forma negligenciou seus informantes, também é certo que ao menos outros três fatores são responsáveis por essa transformação no panorama da espionagem norte-americana. Ao longo das décadas houve uma mudança drástica que tornou a vida do espião no mundo moderno muito difícil. As novas tecnologias, comunicação, inteligência artificial, reconhecimento facial, câmeras por toda parte, tudo se tornou um grande divisor de águas e um imensurável complicador. Não é mais possível ter quatro passaportes e desaparecer sem deixar rastros porque quando você vai para um país estrangeiro até sua retina pode ser escaneada. E, bem, ainda não inventaram a possibilidade de se ter uma segunda retina na bagagem.

Zaid, que frequentemente representa ex-funcionários federais, especialmente oficiais de inteligência e militares, destaca que o mundo da espionagem de hoje não é mais o mesmo que conhecemos na Guerra Fria e antes dela, mas isso não significa também que a arte de espionar está perdida. "A tecnologia tornou mais difícil administrar as operações em todo o mundo. A maioria pode entender facilmente como estamos vinculados aos nossos telefones celulares e como é simples rastrear nosso meio pela tecnologia GPS. Além disso, a tecnologia de vigilância melhorou tanto e custa tão pouco que é virtualmente impossível se mover sem ser detectado. Mas nem todos os países do mundo são tão sofisticados no que diz respeito à tecnologia. Ainda existem lacunas. E, é claro, as principais agências de espionagem se orgulham de criar contratecnologia que ajudaria os espiões a evitar a detecção, mesmo em países que possuem equipamentos de ponta."

Concentrada na "Guerra ao Terror", a CIA deixou um vácuo em outras áreas

O desenvolvimento de serviços de contra-inteligência em lugares que nem sempre foram pensados como os melhores serviços de espionagem é outro fator importante. O Irã e o Paquistão avançaram a ponto de assinarem hoje algumas das melhores operações de contra-espionagem no mundo.

Outro exemplo clássico, frequentemente citado por ex-funcionários da CIA, é de quando em 2009 a agência recrutava um médico jordaniano para se infiltrar na Al Qaeda a fim de coletar informações e trazê-las de volta aos Estados Unidos. A equipe norte-americana conseguiu que aquele médico fosse à base secreta que a CIA operava no acampamento Chapman, em Khost, no Afeganistão. O problema é que eles estavam tão ansiosos para encontrar uma fonte, para ouvir o que ele tinha a dizer, que o médico entrou na base sem mesmo passar por todas as verificações de segurança. Tarde demais: o mesmo médico havia se tornado um homem-bomba a serviço da Al Qaeda. Na explosão, sete oficiais da agência foram mortos naquele que foi um dos dias mais devastadores da história da espionagem norte-americana.

À época, a agência estava à caça de Osama Bin Laden e completamente dedicada à chamada "Guerra ao Terror", terceiro motivo para os percalços atuais da CIA. Depois dos ataques às Torres Gêmeas em 11 de setembro de 2001, ou seja, nos últimos 20 anos, os espiões dos EUA têm se dedicado quase que exclusivamente ao combate ao terrorismo. A agência acabou, no entanto, por deixar de lado a *expertise* que durante a Guerra Fria lutou tanto para conquistar.

A prova mais recente de que a inteligência norte-americana precisa mais do que nunca estar vigilante foram as eleições de 2016 e a interferência russa. Nesse caso, uma das descobertas mais controversas foi a de que o presidente russo Vladimir Putin favoreceu Donald Trump no pleito. E a razão pela qual a CIA soube da manobra deu-se, em parte, graças à espionagem de uma fonte humana. Como Putin não usa telefones celulares e é muito difícil entender suas intenções, restou infiltrar espiões. A agência conseguiu colocar um observador em reuniões com o presidente russo, que ouviu suas conversas com conselheiros no Kremlin. Neste caso, a CIA foi rápida em retirar o agente da Rússia para garantir sua integridade. Qualquer um que estude a história recente, ressalta Zaid, provavelmente chegará a uma conclusão muito confusa sobre se faz sentido trabalhar com a CIA. "Para mim, isso representa uma perspectiva cada vez mais prejudicial de recrutamento futuro, embora a realidade seja: o dinheiro fala e às vezes isso basta no curto prazo."

Falha. Agentes da CIA foram enganados por militantes da Al Qaeda

JOSH IVES/U.S. NAVY

JOSÉ SÓCRATES

A crise política em Portugal

▶ O fim da "geringonça" tornou mais instável o governo do Partido Socialista

Pedem-me para escrever sobre a política portuguesa porque parece a muitos que estamos à beira de uma crise política. Bom, não acho. Embora reconheça que o clima de crise se instalou no espaço público, embora reconheça que a atitude e a linguagem dos partidos à esquerda do Partido Socialista (o Bloco de Esquerda e o Partido Comunista) são agora muito diferentes do que eram na legislatura passada, faço parte daqueles que não acreditam que o orçamento seja reprovado no Parlamento. Talvez seja útil lembrar os leitores brasileiros que nos regimes parlamentares europeus o orçamento de Estado é o documento legislativo mais importante e que a sua rejeição costuma ser entendida como uma moção de censura – o governo não tem mais condições para continuar e abre caminho às eleições legislativas. É isto que está em causa.

Bem entendido, a minha análise é necessariamente especulativa. Mas ela assenta, no fundamental, num aspecto que costuma ser determinante, o cálculo político. Na verdade, não vejo interesse de nenhum partido de esquerda (nem dos socialistas, nem dos comunistas, nem do bloco de esquerda) em ir para eleições. E em face daquilo que assisti nos últimos anos, não me parece que o atual governo tenha outro desígnio maior que não seja se aguentar no poder. E, numas eleições, nunca se sabe.

Bem-vistas as coisas, a questão central parece ser a confiança. Crise de confiança. Os outros partidos de esquerda invocam, agora abertamente, os compromissos acordados no passado e que, segundo eles, não foram cumpridos. Depois de uma parceria de seis anos com o Partido Socialista, essas legendas parecem desconfiadas da palavra do primeiro-ministro e do governo quanto às reformas que fazem parte da sua agenda política, em particular nas áreas da legislação laboral, da previdência social e da qualidade dos serviços públicos, nomeadamente do serviço nacional de saúde. Por outro lado, no Partido Socialista, a habilidade negocial parece ser agora a maior qualidade da liderança e seus dirigentes esperam do seu primeiro-ministro que consiga mais uma vez o que conseguiu nos anos anteriores – aprovar o orçamento e manter o partido no governo.

Há, é certo, algumas mudanças de cenário. A época da "geringonça", carinhoso nome com que a imprensa batizou o governo do Partido Socialista apoiado no Parlamento pelos outros dois partidos de esquerda, é agora outra. A primeira mudança consistiu na ausência de documento escrito na sequência da vitória eleitoral de 2019. Ao contrário do que aconteceu em 2015, na primeira legislatura, o Partido Socialista entendeu que não era necessário assinar um documento de entendimento político global, optando por fazer negociações anuais, orçamento a orçamento. Essa decisão foi o início da atual incerteza. No dia a seguir às eleições legislativas, e em resposta às perguntas dos meus amigos brasileiros que queriam saber o que se passava, escrevi nesta revista o seguinte: "Primeiro dia: a geringonça ganhou as eleições em Portugal. Dia seguinte: a geringonça acabou. Eis um invulgar caso de uma política que não resiste ao seu próprio sucesso". Na verdade, a ausência de qualquer documento programático assinado entre os três partidos transformou a natureza do governo. Deixou de ser um governo com apoio majoritário no Parlamento para passar a ser um governo minoritário, forçado a negociar anualmente a sua própria sobrevivência. Esta nova situação se deveu ao interesse do Partido Socialista em aumentar a sua margem de manobra. Julgo que é justo dizer que está agora a pagar o preço dessa decisão.

Outra mudança estrutural, digamos assim, tem a ver com as recentes eleições municipais e com a derrota do Partido Socialista em Lisboa. Não há nenhuma dúvida de que o partido ganhou as eleições: teve mais câmaras municipais, mais votos e mais juntas de freguesia. Mas perdeu Lisboa, que as sondagens davam como certa. E a direita capitalizou essa vitória inesperada, apresentando-a e celebrando-a como sendo um sinal de mudança de ciclo político. Julgo que vai nisto mais desejo do que análise fria, mas, enfim, foi assim que a comunicação social apresentou os resultados ao país. E isso conta. Mais ainda, ficou no ar a inquietante sensação de que sempre que o primeiro-ministro se mete em campanhas eleitorais – mesmo naquelas em que não está diretamente em causa a avaliação do governo – estas acabam sempre pior do que quando começaram. E, sim, isso também conta.

Julgo, no entanto, que um acordo acabará por ser alcançado. A sombra de 2011 ainda está presente. Naquele ano, os partidos à esquerda do PS votaram ao lado da direita para derrubar um acordo com a Comissão Europeia, o Banco Central e o Conselho Europeu, que visava impedir que Portugal necessitasse de pedir assistência financeira internacional. Esse chumbo levou à queda do governo e à convocação de eleições. As consequências foram a vitória da direita e a austeridade brutal. •

redacao@cartacapital.com.br

BAPTISTÃO

A dança da solidão

ESTREIAS Após sofrerem com a impossibilidade de ensaiar e se apresentar, as três principais companhias do País retornam aos palcos com novos espetáculos e corpos distanciados

POR LUCAS NEVES

TAMBÉM NESTA SEÇÃO →

pág. 58

Cinema. A seleção da 45ª Mostra de SP espelha estes tempos de inquietude

Tempo de solos. Em *Primavera* (à esq.), Pederneiras, coreógrafo do Corpo, adere à "estética do isolamento" e cria duos para os bailarinos que vivem na mesma casa

JOSÉ LUIZ PEDERNEIRAS

Quando a decretação da pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS) fechou teatros mundo afora, em março de 2020, a mais tátil das artes ficou suspensa no ar. Bailarinos não podiam mais se envolver com seus gestos lânguidos, lançar-se uns aos outros ou erguer-se sobre ombros, troncos e joelhos de colegas de cena. O interdito inviabilizava ensaios e apresentações.

Em resposta à proibição dos encontros de corpos, o Grupo Corpo ramificou-se. Sediada em Belo Horizonte, a principal companhia de dança do País tinha acabado de voltar de uma turnê por Estados Unidos e Canadá no dia em que a quarentena começou em Minas Gerais. Passado o estupor inicial, surgiu a solução: os 21 bailarinos do grupo receberiam em casa uma barra de alongamento de pouco mais de 1 metro, feita de PVC, e uma tira de linóleo de algo como 2 metros quadrados para forrar o piso da sala de ensaio improvisada. Não era o suficiente para fazer grandes saltos por cima do ladrilho ou do taco, mas era melhor que nada.

Esse foi um passo importante para o conjunto não perder o condicionamento, manter as aulas de técnica – ainda que em versão enxuta – e não quebrar a tradição de estrear coreografias a cada dois anos. A gambiarra das primeiras semanas de confinamento total e os ensaios em *petit comité*, com distanciamento, que passaram a ser organizados nos meses menos agudos da pandemia, são a fundação da *Primavera*, que estreia no dia 27 no Teatro Alfa em São Paulo e segue para BH e Rio de Janeiro.

O espetáculo usa 14 composições do Palavra Cantada, duo formado por Sandra Peres e Paulo Tatit, que é sucesso há anos entre o público infantil e igualmente xodó dos pais pelo refinamento musical. Em cena, faixas como *Bruxa Feia* e *Canção dos Alienígenas* surgirão despidas das letras e, quase sempre, com melodias e arranjos inéditos. O coreógrafo Rodrigo Pederneiras descreve a peça como "um balé de uma energia impressionante, o início de um novo ciclo, de uma retomada, sem ficar de cabeça baixa, com olhar altivo".

A sinopse metafórica vem a calhar para a companhia, que perdeu um velho patrocínio fixo da Petrobras em 2019. Em maio passado, o Corpo foi contemplado em um edital da Vale que cobre a produção de *Primavera* e a manutenção do grupo por tempo determinado. Mas a saúde financeira inspira preocupação no clã que o comanda desde a fundação, em 1975. Ainda que tenham sido poupadas as demissões, houve, em determinados momentos, redução de jornada e salário. Privada das lucrativas turnês internacionais há quase 20 meses, a formação recorreu à venda de aulas *online* para engordar o caixa. Outras, gratuitas, foram oferecidas a profissionais da linha de frente do combate à Covid-19 e ao público em geral.

> Além de ter perdido o apoio da Petrobras, o grupo mineiro foi privado das turnês

A própria decisão de não encomendar uma trilha 100% original tem a ver com os desafios logístico-financeiros da temporada pandêmica. Em outros tempos, o grupo mineiro alistou Caetano Veloso, Gilberto Gil, Lenine, Arnaldo Antunes, Uakti e José Miguel Wisnik, entre outros, para compor suas trilhas.

No palco, a "estética do isolamento" que veio à luz nos meses iniciais de aulas e alongamentos remotos cristaliza-se em uma profusão de solos e apenas três duos – e todos de bailarinos que são casais e moram juntos. As cenas coletivas, talvez o principal cartão de visita do Corpo, foram praticamente suprimidas. No único quadro de grupo de *Primavera*, oito bailarinos aparecem juntos, mas distanciados, por, no máximo, 30 segundos. Piscou, perdeu.

Criação hipnotizante de 2017 que exalta as rodas de culto da umbanda e completa o programa do Alfa, *Gira* teve seu intrincado desenho de entradas e saídas de cena refeito, para que cada intérprete se sentasse sempre à mesma cadeira e vestisse só uma túnica. "Foi um trabalho do cão", descreve Pederneiras, que diz não ter se adaptado aos ensaios *online*.

"Você tem que mostrar. No presencial, eu pego, faço o papel do homem, da mulher, corrijo. Sem isso, fica tudo na teoria", diz o coreógrafo. Em *Primavera*, por causa da quantidade de solos, os bailarinos acabam por ter grande destaque individual. "Eles estão adorando", diverte-se.

Saltos no escuro. Deborah Colker (*à dir.*) teve de demitir alguns bailarinos e deu início aos ensaios de *Cura* (*acima*) com a companhia ainda desfalcada

Se, no Corpo, foram incontáveis as adaptações, a carioca Deborah Colker, que apresenta *Cura* na Cidade das Artes, no Rio, ao longo deste mês e, em novembro, chega ao Alfa, garante ter feito exatamente o espetáculo que tinha em mente antes da pandemia. Iniciado em 2017, o projeto teve a estreia adiada sete vezes. No meio-tempo, a companhia que leva o nome da coreógrafa também perdeu o patrocínio da Petrobras e só conseguiu fechar um apoio da Vale no segundo semestre de 2020. Em agosto deste ano, dias antes da pré-estreia do espetáculo no Globoplay, o Bradesco juntou-se ao rol de financiadores do grupo.

Por causa das trepidações do caixa, al-

gumas demissões foram realizadas. A peça nova começou, inclusive, a ser ensaiada de forma desfalcada, com apenas 13 bailarinos. Os outros quatro integrantes foram recontratados na reta final dos ensaios.

"É muito difícil trabalhar a sincronicidade, a memória do corpo, do gesto, quando está cada um em um lugar. No segundo mês de ensaios virtuais, de um total de três, comecei a perceber o quão improdutivo aquilo estava sendo. Sabia que era necessário o distanciamento, então lidei com disciplina, mas, para mim, não foi um período de criatividade, de invenção e inspiração", afirma Deborah.

Assim que houve um afrouxamento das diretrizes de isolamento, o grupo começou a se encontrar presencialmente. Primeiro, ficavam todos de máscaras. Depois, com base em um protocolo aprovado pela OMS, que considerou bailarinos atletas, foi possível tirá-las. A força-tarefa fez também com que, buscando reduzir a exposição ao Coronavírus no transporte público, os artistas se mudassem para perto da sede da companhia, na Glória, região central do Rio. "Quando fomos pela primeira vez ensaiar em um teatro, em março deste ano, fiquei que nem uma formiga: cirúrgica, precisa. Sabia que isso era importante pa-

ra salvar a companhia", diz a coreógrafa.

Com trilha de Carlinhos Brown, *Cura* não tem DNA pandêmico, apesar do nome. O gatilho foi a busca de Colker por um tratamento para a doença genética de seu neto, Teo: a epidermólise bolhosa. A partir disso, a dramaturgia costura referências na busca por conforto, elevação e resposta na ciência, nas religiões e na arte – a cura que couber a cada um.

Convicta na eficácia da arte na cura, essa com letra minúscula, Inês Bogéa, diretora artística da SP Cia. de Dança, ligada ao governo do estado, manteve o grupo em plena atividade durante o último ano e meio. Se o *home office* dos primeiros quatro meses de pandemia exigiu "maturidade e adaptabilidade", o balé chegou ao segundo semestre de 2020 com uma videoteca *online* sortida de produções domésticas ou rodadas em espaços alternativos de aparelhos culturais da capital, seguindo sempre uma rotina de testes de Covid-19.

Nos espetáculos virtuais, o *delay* e a busca pela sincronicidade são o grande desafio

A coreógrafa conta que, para uma das gravações, a da Gala Clássica na Sala São Paulo – exibida na TV Cultura –, os bailarinos só começaram a ensaiar no mesmo cenário dez dias antes. "A forma física não era a mesma, mas eu estava dirigindo a captação também, então os tranquilizei dizendo: 'Vai dar certo, gente! Confia! Vou colocar vocês no melhor ângulo aqui!'", brinca.

Entre as estreias da companhia nesse período estiveram *Rococo Variations*, coreografada a distância por Stephen Shropshire, norte-americano radicado na Holanda; *Só Tinha de Ser com Você*, editada para suprimir duetos, aumentar distâncias entre bailarinos e trocar interações táteis por olhares; e *Respiro*, de Cassi Abranches, que, como boa discípula de Pederneiras, tem uma queda por duos e formações numerosas, mas precisou se haver com solos. Em junho, a companhia chegou a se ver obrigada a interromper uma temporada por causa da contaminação de cinco bailarinos.

Bogéa celebra a produtividade, mas reconhece que o caminho foi pedregoso. "É difícil, exige muita disponibilidade. Nas chamadas em vídeo, tem *delay*, um fala por cima do outro, e tem a própria questão do desenho da cena, que pressupõe tridimensionalidade. Na dança, a descoberta do gesto, da coreografia, se dá na proximidade."

Para ela, as transmissões *online*, com ângulos inacessíveis a quem assiste *in loco*, vieram para ficar. "Isso democratiza o acesso e permite que a gente se conecte a pessoas do mundo todo. Uma das nossas gravações foi assistida por uma crítica estrangeira que não nos conhecia e escreveu uma resenha linda", diz.

Já Pederneiras, do Grupo Corpo, afirma que a engenharia cênica de distanciamentos e solos exige dele o treinamento de "músculos" coreográficos pouco convocados em criações anteriores. "Tem que preencher o palco com quase ninguém, usar o espaço de outro jeito. E sem deixar a coisa esmorecer." •

SILVIA MACHADO, AMBEV BRASIL E LEO AVERSA

Outros ângulos. A SP Cia. de Dança mergulhou no *online*. Para a diretora Inês Bogéa, a dança filmada veio para ficar

As imagens do desamparo

45ª MOSTRA A seleção deste ano, exibida tanto nas salas, em São Paulo, quanto de forma *online*, para o País todo, expressa as incertezas do mundo pós-pandemia

POR CÁSSIO STARLING CARLOS

"Onde estamos?", pergunta a mãe despertando no meio da estrada. "Estamos mortos", responde a criança, brincando de modo quase inocente. Não por acaso, esse diálogo que abre *Pegando a Estrada*, longa do iraniano Panah Panahi, expressa as incertezas do mundo pós-pandemia que ecoam em muitos filmes da 45ª Mostra Internacional de Cinema de São Paulo, que vai da quinta-feira 21 até o dia 3 de novembro.

A questão "para onde ir?" atravessa o filme de estreia do filho de Jafar Panahi, condenado à prisão domiciliar pelo regime iraniano, mas que seguiu filmando clandestinamente. O longa acaba de ser eleito o melhor filme no Festival de Londres e é um dos destaques da Mostra.

Exceção feita aos *blockbusters* – que, de resto, ocupam as telas o ano inteiro –, o evento reúne um punhado de quase tudo. Obras premiadas em festivais, títulos escolhidos para representar os países no Oscar de filme internacional e diretores cultuados por um público que há 45 anos larga até cachorro para fazer romaria cinéfila a São Paulo.

E quem não pode viajar ou ainda tem medo de compartilhar salas cheias e fazer filas imensas, não tem desculpa, pois 130 títulos estão disponíveis *online*, a 12 reais a sessão, na plataforma Mostra Play.

Exclusivamente no formato presencial, a Mostra é a primeira oportunidade para ver *Titane*, longa abrasivo da francesa Julia Ducornau, vencedor da Palma de Ouro em Cannes. E talvez seja a única de ver *Memoria*, último objeto audiovisual não identificado do tailandês Apichatpong Weerasethakul, que traz Tilda Swinton no elenco não será distribuído em cinemas.

Quem acha importante ver antes de todo mundo vai disputar a tapa um lugar nas sessões de *A Crônica Francesa, Annette, Marx Pode Esperar, Marinheiro das Montanhas* e *Um Herói*, de Wes Anderson, Leos Carax, Marco Bellocchio, Karim Aïnouz e Asghar Farhadi, respectivamente.

A Mostra, como todo festival importante, é também a melhor ocasião para descobrir novas e novos cineastas ou ser surpreendido por filmes abaixo do radar. A boa notícia é que na seleção da Mostra Play há dezenas de opções para quem gosta de experimentar.

> A recorrência de personagens adolescentes denota a inquietação diante do futuro próximo

De modo geral, a pandemia e os efeitos mentais e sociais do isolamento ainda não aparecem tematizados de modo frontal na safra deste ano, mas há algumas exceções. Em *Diários de Otsoga*, os portugueses Miguel Gomes e Maureen Fazendeiro desafiam o sentimento de paralisia com uma mistura de documentário e ficção que celebra a alegria de criar e os prazeres do improviso.

O iraniano *Distrito Terminal* projeta um sinistro futuro próximo, no qual a poluição e o surgimento de um vírus letal forçam um poeta a viver enclausurado com a mãe em uma Teerã transformada em pesadelo distópico.

Dois longas-metragens de estreia de cineastas brasileiros explicitam a nossa distopia no presente. *Madalena*, de Madiano Marcheti, e *A Felicidade das Coisas*, de Thais Fujinaga, pressentem um país sem futuro, uma sociedade na qual se escolheu destruir tudo antes mesmo de criar.

A presença do tema da fuga em ficções de origens diversas reitera um sentimento generalizado de bloqueio que a pandemia só explicitou. Nesse sentido, *Pegando a Estrada* é um filme-paradigma, com sua família que vai sabe-se lá para onde, enquanto a natureza os segue, indiferente ao transitório.

A recorrência de personagens adolescentes na seleção deste ano chama atenção para a indefinição e a urgência que acompanham este momento geracional. O futuro não é algo remoto ou impalpável, mas está presente no cotidiano de protagonistas, sobretudo garotas, que precisam confrontar o mundo, a família e as tradições para poderem existir.

As personagens do mexicano *A Noite do Fogo*, do indonésio *Yuni*, do argentino

Zahorí, do egípcio *Souad*, do suíço-ucraniano *Olga*, do croata *Murina*, do romeno *Lua Azul* e do kosovar *Procurando por Venera* vivem histórias contemporâneas, mas logo descobrem que suas escolhas são limitadas por regras a serem superadas.

Os rapazes não estão menos expostos à repressão de teor religioso ou às deformações impostas pelo ideal físico. O documentário *Três Irmãos*, do italiano Francesco Montagner, capta com acuidade a desorientação dos filhos de um muçulmano radical, quando o pai é preso sob acusação de terrorismo.

O Perfeito David, do argentino Felipe Gomes Aparicio, segue em tons sombrios a obsessão de um jovem para esculpir um corpão e ser aceito mediante a ostentação de códigos associados à virilidade.

Por fim, a adolescência como símbolo que reúne o intenso e o frágil está no centro de um dos títulos que despertam maior desejo. *O Garoto Mais Bonito do Mundo* retraça a trajetória de Björn Andrésen, escolhido por Luchino Visconti para representar a beleza ideal em *Morte em Veneza*. O que aconteceu com a perfeição quando o rapaz ficou adulto?

Essa pergunta a respeito do que vem depois também acompanha documentários que se inquietam diante do que será da natureza. *Domando o Jardim* descreve um esforço quase irreal para evitar o desaparecimento de árvores centenárias da rara paisagem da Geórgia. Em *Holgut*, o tema da extinção está ligado aos efeitos do aquecimento global na Sibéria, onde o degelo tem revelado ossadas de espécies que ressurgem para avisar que o futuro não é obra do acaso.

E aquilo que veio antes é visitado, na seleção, por documentários que recuperam as figuras de Truman Capote e Tennessee Williams (*Truman & Tennessee*) e de Ziraldo, autor do cartaz desta edição do evento. •

Marinheiro das Montanhas, do Brasil; ***A Noite do Fogo***, do México; ***Pegando a Estrada***, do Irã; ***O Garoto Mais Bonito do Mundo***, da Suécia; ***Marx Pode Esperar***, da Itália; ***Holgut***, da Bélgica; e ***Memória***, uma produção tailandesa (*em ordem numérica*)

KARIM AINOUZ/GLOBO FILMES, TATIANA HUEZO, REDES SOCIAIS E MATEO C. GALLEGO

Avesso

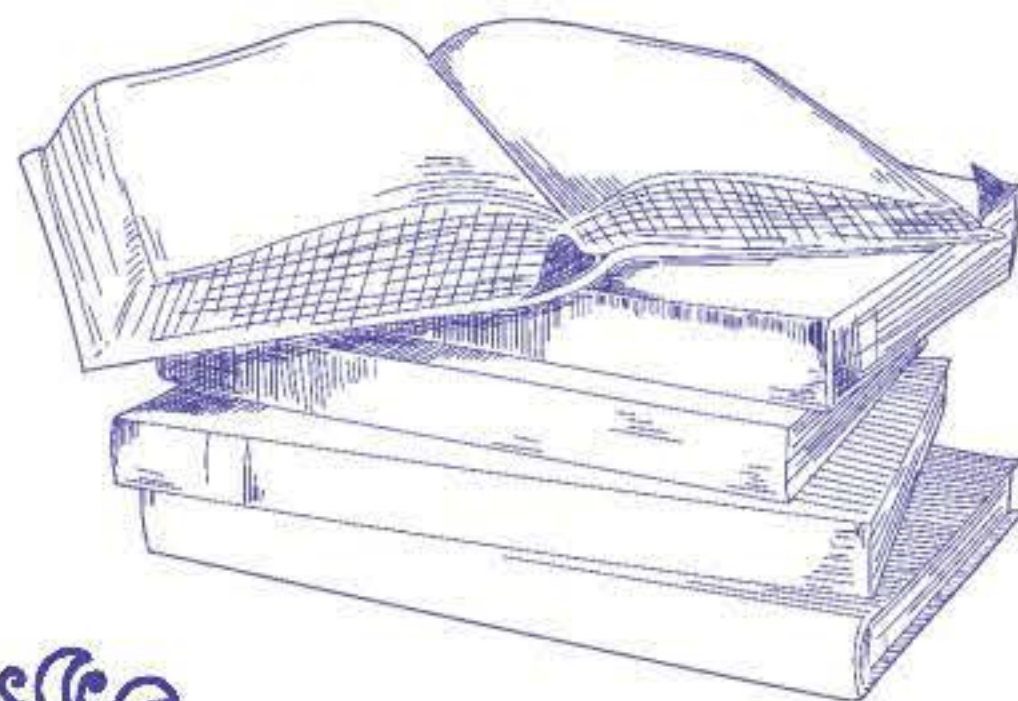
E torna a acontecer em nós um tempo não havido,
o muito-e-pouco amor que não tivemos,
paixão que nos abocanhou de assalto
como serpente alerta para o bote.
Tantas coisas pensadas, o ensaio de dizê-las,
a tentativa de dizer o que não foi dito.
A dor da vida que por ser vivida
é também prazer e é delícia,
meu amor se amolda nessa falsa paz
de pedras onde firo e sou ferida.

Força é lamber o sangue derramado
nessas mesmas pedras, falso rio,
em que visceralmente
— melhor: uteralmente —
domo, sou domada.

A autora mereceu prefácios de Antonio Houaiss, Ferreira Gullar e Jorge Amado e venceu um Prêmio Jabuti em 1971

Uma pioneira esquecida

POESIA *Coração Subterrâneo* resgata a obra de Olga Savary, a primeira mulher a fazer versos eróticos no Brasil e uma das fundadoras do *Pasquim*

POR ANA PAULA SOUSA

Antes que me esqueça,
Poesia, as palavras não só combato:
durmo com elas.

Morta em maio de 2020, Olga Savary não entrou para o rol dos artistas cuja partida em decorrência da Covid-19 sensibilizou a opinião pública. Olga tinha 86 anos, vivia sozinha no Rio de Janeiro e foi lembrada, essencialmente, por alguns escritores e poetas que, nas redes sociais, a trataram como uma grande artista esquecida.

Foi nesse contexto que Leandro Sarmatz, sócio da Todavia, decidiu buscar essa autora de quem tinha ouvido falar, mas não conhecia profundamente. O editor enveredou pelo universo sensorial e onírico de Olga a partir de um vo-

lume editado pelo governo do Pará, estado onde ela nasceu. Sua obra, composta de 13 livros de poesia publicados entre 1970 e 1997, estava praticamente indisponível, salvo por raros exemplares encontrados em sebos.

"Fui tentando entender como poderia dar conta do percurso dela e apresentá-la para novos leitores", conta Sarmatz, responsável pela escolha dos cem poemas que compõem *Coração Subterrâneo*. "Procurei contemplar a produção sensual e erótica e também os poemas ligados aos povos originários. Do ponto de vista formal, o que mais chamou minha atenção foi a musicalidade e a melodia da poesia."

Questionado sobre as razões que levaram uma poeta merecedora de prefácios de Ferreira Gullar, Jorge Amado e Antonio Houaiss e vencedora de um Prêmio Jabuti (1971) a ter desvanecido no cenário cultural brasileiro, Sarmatz prefere, em vez de responder, enfatizar o próprio estranhamento. "Continuo achando um mistério", diz.

A escritora Laura Erber, autora do posfácio, localiza nos anos 1990 o alheamento à obra de Olga. "Nesse momento, o ambiente literário brasileiro e os mecanismos de visibilização da literatura mudaram muito, e com eles também a dinâmica da crítica e das formas de legitimação da poesia", analisa. "Nessa passagem, a poesia dela ficou um pouco sem lugar."

Olga é considerada a primeira mulher a ter feito, no Brasil, uma poesia sobre o desejo erótico feminino – alguns dos poemas presentes em *Coração Subterrâneo* datam do início dos anos 1950 – e foi ainda pioneira dos haicais.

Laura lembra que a década de 1950 preparou a revolução sexual dos anos 1960 e que, portanto, escrever poesia erótica naquele momento era "escandalizar ou romper com uma série de valores e práticas conservadores", mas era também estar perfeitamente inserida em seu tempo. "O feminismo colocava a questão do acesso das mulheres à posição de sujeito, inclusive de sujeito do desejo e do gozo, e, nesse sentido, Savary foi bastante importante", diz.

Nascida em Belém do Pará, filha de pai russo e mãe paraense, Olga mudou-se criança para Fortaleza e, não muito tempo depois, para o Rio de Janeiro. Foi, entre as décadas de 1950 e 1970, mulher muito conhecida nos meios intelectuais cariocas. Participou da criação do *Pasquim* e, além de poeta e romancista, foi tradutora de Jorge Luis Borges, Julio Cortázar, Octavio Paz, Pablo Neruda, Federico García Lorca e Mario Vargas Llosa.

Com o cartunista Jaguar, com quem foi casada, a autora teve dois filhos – Pedro, morto em 1991, e a também escritora Flavia Savary. Coube a Flavia, em 2020, procurar a agente literária Marianna Soares para que ela passasse a representar sua mãe. "Fui me maravilhando, enquanto descobria a obra dessa poeta imensa", diz Marianna, ecoando o sentimento que as palavras de Olga, assim como os silêncios e imagens que seus poemas inventam, tendem a gerar em quem os lê. •

CORAÇÃO SUBTERRÂNEO: POEMAS ESCOLHIDOS.

Olga Savary, Todavia
(128 págs., 54,90 reais)

VITRINE

A morte do irmão, em 2020, foi o elemento disparador de **Vida, Morte e Outros Detalhes** (Companhia das Letras, 200 págs., 64,90 reais), livro de memórias e reflexões no qual o professor Boris Fausto percorre desde a São Paulo de 1930 até o perturbador Brasil pandêmico.

Brandon Taylor, assim como o protagonista de **Mundo Real** (Fósforo, 196 págs., 74,90 reais), é um negro do Alabama que estudou num ambiente de brancos. Mas o livro, finalista do Booker Prize, não é sobre Taylor, e sim sobre um bioquímico às voltas com o passado a turvar o presente.

História de Uma Vacina (Intrínseca, 208 págs., 49,90 reais) é um relato a quente, que descreve a busca pelas vacinas contra o Coronavírus. A brasileira Sue Ann Costa Clemens, docente de Oxford e participante do programa de testes da vacina Oxford/AstraZeneca, assina o relato.

COMPANHIA DAS LETRAS, FÓSFORO, HISTÓRIA REAL, TODAVIA E DARYAN DORNELLES

Em *Tubarão*, mesmo quando o animal não está visível, a maestria de Williams o faz presente

UNIVERSAL STUDIOS

As notas como personagens

MÚSICA OS UNIVERSOS SONOROS CRIADOS POR JOHN WILLIAMS PARA UMA CENTENA DE FILMES INTEGRAM O IMAGINÁRIO COLETIVO

POR EMMANUELE BALDINI

A mostra *Sonora: John Williams*, que abre no Centro Cultural Banco do Brasil de São Paulo na quarta-feira 20 e segue para o Rio e Brasília, é uma oportunidade para que se reflita sobre uma obra que entrou para o imaginário coletivo não só pelos filmes onde se faz presente, mas pelos temas em si – reconhecíveis após poucas notas.

A reunião de 27 títulos cujas trilhas foram assinadas por Williams nos faz perguntar o que, afinal de contas, esperamos da música em um filme. Deveria ser ela uma roupa para vestir os personagens e a ação, funcionando como uma aliada da imagem, confirmando-a? Ou poderia entrar na história como uma nova personagem? Me parece não haver um papel preestabelecido. São muitas as possibilidades, e Williams – parceiro de Steven Spielberg, George Lucas e Oliver Stone – as explora como poucos.

Nas longas cenas aquáticas da série *Tubarão*, por exemplo, a imagem sozinha cria tensão dramática, medo e expectativa. A música que acompanha os movimentos da câmera – ou que fica ausente, como uma "pausa" em uma sinfonia – intensifica as sensações.

A primeira impressão é a de que a música é um puro acompanhamento. Pouco a pouco percebemos, porém, que as duas famosas notas repetidas obsessivamente tornam-se o próprio tubarão. A partir daí, mesmo quando o animal não está visível, a música o faz presente. Eis o poder e a genialidade de um grande compositor para o cinema: desenhar personagens e ações por meio de uma música capaz de ganhar vida própria. A certa altura, já nem sabemos se a música acompanha as imagens ou se é o contrário.

Williams, indicado 52 vezes ao Oscar, faz com que, ao escutarmos um tema, sejamos transportados para a ação e nos lembremos de cada detalhe da cena. Ao mesmo tempo, olhando a imagem de um filme, a música que a representa ressoa em nosso imaginário. Talvez esses dois exemplos da ligação profunda entre som e imagem expliquem quando uma colaboração criativa entre diretor e compositor "deu certo".

No que diz respeito, estritamente, ao conteúdo musical, Williams parte das raízes europeias. Há muito Rachmaninoff, Stravinski, Tchaikovski e Wagner em suas criações. Mas ele vai muito além da renovação de certos clichês, criando uma identidade própria. Como os grandes compositores do passado, Williams, que completa 90 anos em 2022, absorve experiências e as filtra através de seu talento e sua rica imaginação. Com isso, cria universos sonoros que fazem parte de nossas vidas e que permanecem em nossas memórias como mais um personagem dos filmes. •

MARIA FLOR

O teatros reocupados

▶ Tenho saudade de subir no palco e de ouvir a palavra "ação", mas tenho saudade, sobretudo, de ser público e estar sob a lona do Circo Voador

Quando o mundo parou naquele 17 de março de 2020 e todos os espaços de cultura e entretenimento foram fechados, eu tive pesadelos terríveis. Nos pesadelos recorrentes eu sempre via os teatros, os cinemas, as salas de concertos, as casas de *shows*, os museus e todos os espaços dedicados à cultura fechados com grandes cadeados e correntes.

A poeira acumulava nas cadeiras vermelhas do Teatro Municipal do Rio de Janeiro e se transformava numa grande nuvem que ia tomando os espaços e fazendo com que ele sumisse. Durante a noite, eu sentia tristeza e angústia por ver os palcos sem seus atores, as salas de cinema sem seus filmes projetados – no lugar deles havia apenas o vazio do branco-cinzento das telas.

Eu imaginava as cadeiras vazias sem ninguém e os corredores sem o som dos passos do público entrando e se ajeitando nas poltronas. O vazio completo que tomou esses espaços refletia nos meus pesadelos noturnos e eu acordava empapada de suor e medo.

Era um aperto no peito sufocante que eu sentia cada vez que acordava e sabia que era real aquele sonho. Não era apenas um pesadelo do qual podemos nos livrar e respirar aliviados quando acordamos. Não daria para me livrar daquela sensação de perda e dor. Estávamos passando realmente por tudo aquilo.

Acordada, eu continuava imaginando a solidão desses lugares antes tão ocupados, tão vivos, cheios de memórias fantásticas. São espaços que transformaram a vida das pessoas com suas histórias ou suas músicas, ou com os encontros que foram proporcionados pela simples existência de cada um deles. Contudo, parece que agora o pesadelo está passando.

Tenho visto amigos voltando aos palcos teatrais devagar, com todos os protocolos e cuidados necessários, mas com plateias reais, pessoas sentadas na frente de atores contando uma história. Venho acompanhando os *sets* de filmagem retornando, as câmeras novamente sendo posicionadas e a ação acontecendo. Parece um sonho.

Li, recentemente, que o Circo Voador, espaço histórico da música brasileira e,

O pesadelo das cadeiras vazias e dos corredores silenciosos parece aproximar-se do fim

principalmente, carioca, reabrirá suas portas no fim deste mês, depois de quase dois anos fechado.

Pelas redes sociais acompanhei Caetano Veloso voltando aos palcos. Mesmo que em turnê internacional, vê-lo sentado novamente com seu violão e sua voz na frente de pessoas reais aplaudindo e cantando, é muito bonito e traz esperança – já que o meu coração não se cansa de ter esperança.

Me lembrei outro dia, por conta mais uma vez das redes sociais, da primeira vez em que pisei no palco do Teatro II do Centro Cultural Banco do Brasil, para ensaiar uma peça. Era uma mistura de nervosismo e maravilhamento que me acompanhava. Lembrei também da sensação de ouvir o público entrando pela primeira vez, do burburinho em torno do lugar que está marcado no ingresso, das observações sobre o cenário, de um amigo encontrando o outro e sentando-se lado a lado.

Me deu inveja desses amigos que estão voltando aos palcos e ao *set*, mas senti também felicidade por eles. Me deu saudade de ser atriz de teatro, de fazer cinema, de gravar uma cena de novela e poder abraçar o parceiro de cena depois, e de me sentir orgulhosa do trabalho realizado.

No entanto, mais do que a vontade de atuar, de subir ao palco e de ouvir a palavra "ação", me deu saudade de ser público novamente. Me deu vontade de ser uma dessas pessoas encontrando o amigo para assistir a um filme ou a uma peça. Me deu vontade de estar mais uma vez embaixo da lona do Circo Voador e sentir o chão tremer.

Me deu uma saudade infinita de ver as pessoas no palco, na tela, na vida, e de ser feliz novamente. Acho que, talvez agora, o sonho esteja mais perto de ser real do que o pesadelo. Espero que sim. •

redacao@cartacapital.com.br

AFONSINHO

Na era dos excessos

▶ Não bastasse a intensidade do calendário da CBF, a Fifa anuncia agora a intenção de promover uma Copa do Mundo a cada dois anos

Vivemos, sem dúvida, tempos tensos, nos quais os nossos limites são testados em todas as atividades – tanto no varejo quanto no atacado. Os parafusos estão soltos. Há muito se fala em uma nova ordem mundial e vemos que a humanidade parece, de fato, estar com o tecido esgarçado.

Um certo estado de desespero se manifesta em todas as dimensões. Esse estado é visto em pequenos delitos praticados por indivíduos movidos pela mais pura necessidade de sobrevivência e segue uma escalada que se estende às quadrilhas, às milícias, às levas de imigrantes africanos e asiáticos, chegando aos conflitos internacionais.

Sem deixar, obviamente, de fazer parte desse mundo, o esporte também teve uma semana pródiga em confusões. Depois dos casos do juiz Rodrigo Crivellaro, que foi agredido com um soco e um chute na cabeça pelo jogador William Ribeiro, do São Paulo do Rio Grande Sul, e de Fred, que perdeu a cabeça na partida do Fluminense conta o Fortaleza, foi a vez de os torcedores brigarem.

Tanto a partida do Operário e do Londrina, no Paraná, quanto a do Ipojuca e do Caruaru City, em Pernambuco, registraram pegas entre os torcedores.

A onda de violência se estendeu até para o futebol feminino. A partida entre Bangu e Duque de Caxias, pelo Campeonato Carioca feminino, terminou com uma briga generalizada. A confusão envolveu atletas, membros de comissão técnica e familiares que assistiam à partida, disputada no campo do CFZ. A atleta China saiu com um ferimento na boca. O episódio levou a diretoria de um dos clubes a soltar uma nota no mínimo curiosa: "Mesmo que a sociedade atual esteja numa linha tênue entre a razão e a emoção pelo momento atípico que vivemos nada justifica..."

Nestes tempos de notícias alarmantes, leio no jornal que a compra do Newcastle, clube do mais valioso campeonato de futebol do mundo, o inglês, deixou eufóricos alguns torcedores e mereceu a reprovação de outros. No fim, até a Anistia Internacional se manifestou sobre o assunto, uma vez que o cabeça da transação é um magnata saudita há muito tempo denunciado por manter em seus negócios relações escravagistas.

O presidente da Anistia Internacional emitiu uma nota na qual assinala que a transação da compra do Newcastle "é um golpe extremamente amargo para os Direitos Humanos". Sacha Deshmukh e outros representantes inconformados sugerem aos dirigentes da "League" que sejam incorporadas aos contratos do campeonato cláusulas que protejam a integridade do futebol inglês.

Ainda no que diz respeito ao futebol europeu, não compreendo como o Paris Saint-Germain (PSG) conseguiu investir o volume necessário para contratar não só Messi, o craque mais valorizado do mundo, mas também o grande goleiro italiano Donnarumma, e o cotado zagueiro Sergio Ramos, tirado do Real Madri. Isso sem falar que o time já possui, em seu elenco estelar, Neymar e Mbappé. Onde fica o *fair-play* econômico?

Esse é mais um sinal da etapa insustentável que o neoliberalismo está atingido. Seus efeitos se estendem para o esporte regido ainda num formato medieval, com ligas, federações e confederações, .

O futebol europeu tem a Uefa – uma associação dos clubes – que se reuniu para impetrar uma medida experimental visando impedir que os clubes tenham patrocínio de empresas ligadas a seus proprietários.

Enquanto, no Brasil, as federações vêm se contorcendo para manter-se nessa estrutura com a programação espremida dos campeonatos estaduais, na ponta de cima a Fifa acaba de anunciar a intenção de promover uma Copa do Mundo a cada dois anos. Ao mesmo tempo, os clubes brasileiros estudam a possibilidade de estabelecer uma liga própria.

A decomposição da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) é, por sua vez, demonstrada pelo acúmulo de dirigentes comprometidos até o ponto da ameaça de exclusão e banimento. E o pior: tudo isso é tratado com relativa normalidade.

Felizmente, a semana repleta de acontecimentos marcantes pelo lado negativo nos ofereceu também aquilo que poderíamos chamar de "uma luz no fim do túnel": o surgimento de Riquelme, no Vasco da Gama.

Trata-se de um jovem não só habilidoso mas que tem também a coragem de assumir a iniciativa do jogo criativo e o drible fora dos gestos repetidos e mecanizados que tanto têm atormentado os torcedores. É uma alegria ver um jogador assim. Esperemos apenas que não seja castrado. •

redacao@cartacapital.com.br

BAPTISTÃO

ARTHUR CHIORO

Não vai terminar em pizza

▶ Antes mesmo da votação do relatório final, a CPI da Covid já cumpriu um papel relevante e marcará a nossa história

Os depoimentos das vítimas, eivados de emoção, dor e revolta selam os trabalhos da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Covid e desnudam a real dimensão da tragédia que acometeu mais de 600 mil famílias brasileiras e impactou toda a nação.

A CPI, que marcará indelevelmente a nossa história, demonstrou que o governo federal adotou a tese da "imunidade de rebanho", orientando sua conduta para expor, de forma deliberada e inconsequente, a população ao vírus, resultando em 483 mil mortes evitáveis. E que o governo, dessa forma, não foi apenas omisso ou desorganizado.

Ainda que seja composto de agentes públicos incompetentes, a associação destes com outros negacionistas – médicos, empresários, operadoras de planos de saúde, blogueiros, políticos e militares –, em um gabinete paralelo, permitiu a articulação e o financiamento de medidas para operar a tese criminosa.

A CPI teve outras duas ações importantes. Primeiro, obrigou o governo a produzir um freio de arrumação e, ainda que tardiamente, adquirir vacinas e conter medidas obstrutivas à ação dos gestores infranacionais. Além disso, abortou negócios escusos em curso, como a aquisição de vacinas e testes superfaturados. A cantilena da base governista, de que não houve danos ao Erário, não se sustenta.

Foi cabalmente comprovada a (ir)responsabilidade do governo Bolsonaro no colapso do sistema de saúde amazonense, no boicote às medidas de distanciamento físico e na demora para a aquisição de testes, vacinas, EPIs, oxigênio, respiradores e medicamentos para entubação.

Também foram fartamente documentados os negócios envolvendo "tratamento precoce", incentivando o uso de medicamentos comprovadamente sem eficácia e segurança, e a incapacidade de regular o voraz mercado de planos de saúde. Tampouco restam dúvidas sobre a responsabilidade direta do governo para evitar o genocídio dos indígenas.

O presidente do Conselho Federal de Medicina, autarquia federal que deveria fiscalizar o exercício ético-profissional da medicina, transformada em apêndice do Palácio do Planalto, e que sob a falácia do "respeito à autonomia profissional" deu guarida a médicos, gestores e empresários da saúde negacionista e inescrupulosos, será denunciado por sua cumplicidade.

A CPI escancarou o *modus operandi* pelo qual empresários de planos de saúde tornaram-se ainda mais bilionários, em meio à crise sem precedentes que vivemos. E não creiam que o *show* de horrores, tornado público pela CPI, se circunscreva à Prevent Senior. Outras operadoras de planos de saúde e farmacêuticas que misturaram negócios, negacionismo e reacionarismo político, sustentando as teses fascistas do presidente, lucraram estratosfericamente, sem que as agências reguladoras (ANS e Anvisa) e outros órgãos de Estado cumprissem seu papel primordial de defender o interesse público.

O depoimento do presidente do Conselho Nacional de Saúde, em defesa do SUS, poderia ter trazido à luz tanto os graves impactos da Emenda Constitucional 95 no financiamento da saúde quanto o desmonte no SUS, iniciado por Ricardo Barros, figura desmascarada pela CPI. Isso tudo foi agravado na gestão de Henrique Mandetta, que, a despeito de posar de defensor do SUS, é o responsável pela desestruturação do Programa Mais Médicos e pelo fim dos Núcleos de Apoio à Saúde da Família (Nasf), que tanto afetou a resposta do SUS na pandemia.

Faltou, ainda, ouvir as entidades representativas dos gestores estaduais e municipais de saúde (Conass e Conasems), que teriam esmiuçado o papel do Ministério da Saúde na desarticulação da ação interfederativa no enfrentamento da pandemia.

Resta a convicção de que a CPI fez a sua parte e vai responsabilizar os envolvidos e dar conhecimento dos crimes à população. Há elementos mais do que suficientes para o *impeachment* do presidente. Se isso não ocorrer, as fartas e sólidas evidências poderão resultar em processo no Tribunal Penal Internacional de Haia, que deverá condenar Jair Messias Bolsonaro pelos graves crimes cometidos contra a humanidade.

Caberá ainda à Procuradoria-Geral da República, ao Ministério Público Federal, ao Tribunal de Contas da União, à Polícia Federal e, é claro, ao Sistema de Justiça, debruçar-se sobre o relatório e os milhares de páginas contidas nos documentos obtidos a pedido da CPI. Ali há farto material, parte ainda nem sequer explorada, para apurar as responsabilidades de cada agente, público e privado, envolvido neste lamentável episódio. A CPI pode, por fim, propor o aprimoramento das leis aplicáveis. •

redacao@cartacapital.com.br

BAPTISTÃO

RICO